

ÁUDIO - VÍDEO - TECNOLOGIA - EQUIPAMENTOS HIGH END - DESIGN - ALTO ESTILO

revista

som maior

ÁUDIO VÍDEO HIGH END

Ano 03 - Edição 07 - Abril 2014

www.sommaior.com.br

CD, LP E DOWNLOADS

Qual dessas mídias proporciona maior fidelidade?

MÚSICA E VINHOS

Cada vinho combina com um tipo de música. Descubra qual.

ANA CLARA

A voz joinvilense que é destaque no Brasil







SEJA BEM-VINDO AO

MUNDO DA BOA MÚSICA.

Grandes Emoções

Os homens por natureza são afeitos a grandes emoções, grandes momentos em que toda a atenção e energia são concentradas e que são lembrados por anos, décadas ou quiçá gerações. No plano pessoal, experiências como o dia do casamento, o nascimento de um filho ou mesmo a morte de um ente querido são momentos normalmente lembrados por toda uma vida. Já no âmbito dos acontecimentos sociais, tais momentos podem ser exemplificados por uma grande manifestação, uma revolução, uma guerra, a chegada ao poder de novos líderes... No fim das contas, são esses grandes momentos que ficam marcados nas nossas lembranças por nos despertarem fortes emoções quando ocorrem.

No ramo do entretenimento, podemos dizer que aqui no Brasil, país que tem o futebol como esporte predileto, a Copa do Mundo sempre é um evento emocionante e impactante na vida das pessoas. Isso é tão verdade que, na hora em que começa a Copa do Mundo, mesmo aquelas pessoas que praticamente não acompanham futebol

durante quatro anos resolvem se juntar aos apaixonados e assistem aos jogos do Brasil na maior torcida. Não é exagero dizer que o Brasil praticamente “pára” durante os jogos da seleção brasileira; imagine então a repercussão na vida dos brasileiros em 2014, quando a Copa do Mundo vai ocorrer no Brasil pela primeira – e talvez única – vez neste século XXI, 64 anos após o fatídico “Maracanazo”. Com certeza serão grandes emoções!

Quem já assistiu a um jogo de futebol ao vivo num Morumbi ou Maracanã lotados, com toda a torcida cantando a plenos pulmões, sabe que a sensação é indescritível e irreproduzível no ambiente doméstico. Sabemos que uma grande parte dos brasileiros gostaríamos de assistir no estádio aos jogos do Brasil na Copa e viver essa emoção; entretanto, devido a inúmeros fatores, pouquíssimos poderão realizar esse sonho. Qual a solução, então? Tentar reproduzir no conforto da nossa casa a emoção do jogo ao vivo, o máximo que for possível!



Tudo começa com a imagem. Não é possível reproduzir a emoção do jogo em uma TV, mesmo que seja uma TV de 70 ou 80 polegadas. É imprescindível um telão de pelo menos 100 a 120 polegadas, para que o telespectador seja transportado para “dentro do estádio”. Mas não é só isso: a imagem precisa ser tridimensional sem ser “3D”, a imagem precisa ter uma excelente relação de contraste e também reproduzir cores vivas e reais. Nenhuma dessas características está presente nas TVs e nos projetores comerciais comuns: repare nos bares e restaurantes que possuem telão, as imagens são quase sempre pálidas, sem vida, sem profundidade, com cores em tons pastéis... enfim, sempre muito diferente da imagem real, impedindo o telespectador de se sentir “dentro do campo”.

Depois da imagem temos o som, que cada vez mais ajuda na transmutação do ambiente doméstico no local de origem, por meio principalmente dos novos sistemas de surround que simulam os efeitos dos diferentes sons no estádio. Hoje em dia podemos escutar o som do campo e dos jogadores vindo das caixas frontais enquanto o som da torcida está nos canais surround, criando uma sensação de imersão no jogo que não existia antigamente. Mas claro que para isso ocorra é preciso um bom conjunto de caixas

acústicas e um receiver ou conjunto de processador mais amplificador compatíveis com a qualidade das caixas.

Felizmente para todos nós que não poderemos assistir aos jogos in loco nos estádios, a tecnologia de imagem e som evoluiu muito nos últimos anos e hoje, com um bom sistema de áudio e vídeo, temos condições de recriar em nossas casas um ambiente que nos faça sentir quase as mesmas emoções que teríamos no estádio, com a grande vantagem de poder reunir toda a família e amigos, comer a comida que desejarmos e beber a bebida que quisermos!

E, last but not least, nada de torcer contra porque hipoteticamente o título do Brasil ajudaria o partido que está no poder a ganhar as eleições pela quarta vez consecutiva: a hora de mudar o governo será em outubro, nas urnas, em eleições livres e democráticas, e não agora torcendo contra Brasil na Copa do Mundo.

Grandes emoções nos aguardam em 2014!
Uma excelente leitura!

Kahlil Elias Assib Zattar.

Abril 2014



CAPA
O talento joinvillense **36**



08

INOVAÇÃO
YPSILON



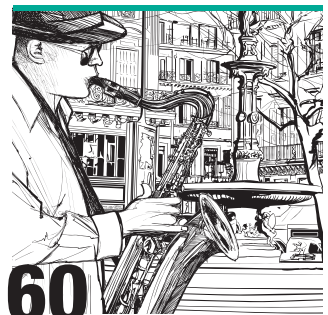
18

ROTEIRO
SYDNEY OPERA HOUSE



46

PERFIL
WILLIAM E. LOW – FUNDADOR
E CEO DA AUDIOQUEST



60

ESTILOS MUSICAIS
ALL THAT JAZZ

16 GOLDEN EARS

Álbuns que exploram a máxima qualidade do sistema

22 REVENDA DIAMANTE

Conheça a Automundi, de Ribeirão Preto

26 MÚSICA E VINHO

Música e vinhos têm almas próprias, cheias de estilo. Saiba como harmonizá-los.

30 LANÇAMENTOS

Confira as novidades em áudio e vídeo high end

50 A ARTE DE OUVIR

Por Nestor Natividade

54 CD, LP E DOWNLOADS

Saiba quais são as diferenças na estrutura, composição e no som dessas três mídias

68 A COPA DOS PROJETORES

Nada como um projetor para quem não quer perder um só lance.

76 CRÔNICA

DANCE! Por Fernanda Lange

78 ONDE ENCONTRAR

Lista de revendas e parceiros

Conselho Editorial

Kahlil Elias Assib Zattar
Luis Assib Zattar
João Carlos Jansen Wambier
Giovani Roberto de Souza
Paulo A. Egerland

Coordenação Geral

Paulo A. Egerland
paulo@zquattro.net

Textos e Edição

Fernanda Lüttke
imprensa@zquattro.net

Projeto Gráfico e

Direção de Arte
Fabio Scalabrini
fabio@zquattro.net

Revisão

Fernanda Lüttke
imprensa@zquattro.net

Colaboradores

Fernanda Lange
Nestor Natividade

Comercial – Publicidade

Kahlil Elias Assib Zattar
kahlil@sommaior.com.br

Impressão

Impressul

Tiragem

6 mil exemplares

Circulação

Nacional

A Revista Som Maior é uma publicação da Som Maior Audio e Vídeo High End. Rua João Pessoa, 1.381, bairro América CEP 89.204-440 – Joinville (SC). Para anunciar ligue (47) 3472-2666 ou envie um e-mail para sommaior@sommaior.com.br. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução parcial ou total sem autorização. As informações técnicas são de responsabilidade dos respectivos autores. Os artigos assinados não refletem, necessariamente, a opinião desta revista. Esta publicação não se responsabiliza pelo conteúdo dos anúncios publicitários.

Opiniões, críticas ou sugestões de pauta entre em contato pelo e-mail revista@sommaior.com.br.

YPSILON

A marca grega de eletrônicos que é referência em produtos de áudio high-end.

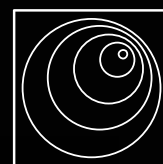
A Ypsilon Eletronics, empresa fundada em 1995 por Demetris Baklavas e Fanis Langkadinis faz questão de deixar claro que foi criada com um propósito muito nobre: o de oferecer produtos únicos, que transmitam ao ouvinte o verdadeiro significado da música: emoção.

A razão pela qual a Ypsilon se preocupa tanto em fazer produtos para “reproduzir a música de forma que não se possa perceber a diferença em relação à música ao vivo” tem uma explicação. Demetris Baklavas e Fanis Langkadinis já eram engenheiros de áudio com vasta experiência em reprodução de música ao vivo quando criaram a empresa.

“É nosso amor e dedicação pela música, como ela é ouvida naturalmente ao vivo, que nos leva a transformar nossa paixão em tecnologia”, explicam os fundadores. Segundo Demetris e Fanis, esta é mais uma das explicações encontradas para a dedicação da Ypsilon em criar produtos perfeitos para a reprodução de áudio.

Demetris Baklavas e Fanis Langkadinis se conheceram quando eram engenheiros de som em concertos, e deram início à empresa fabricando inicialmente amplificadores profissionais para concertos e eventos ao vivo. Agora, aplicam sua paixão à fabricação de sistemas de reprodução de áudio ultra high end com

O Aelius é um amplificador monobloco híbrido, que utiliza válvulas e transistores



Ύψιλον
Y P S I L O N





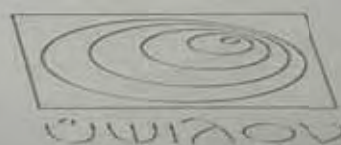
Amplificador híbrido ultra high end SET 100 Ultimate da Ypsilon, modelo top de linha da empresa



“É o nosso amor e dedicação pela música como ela é ouvida, naturalmente ao vivo, que nos leva a transformar nossa paixão em tecnologia.”

Demetris Baklavas e Fanis Langkadinis

CD Transporte Ypsilon CDT-100





Pré-amplificador valvulado
Ypsilon modelo PST-100 MKII



Transformador Ypsilon para cápsulas de toca-discos moving coil



Visão traseira do amplificador SET-100 Ultimate, que possui amplificação híbrida em projeção Classe A puro e 120 watts de potência

o objetivo principal de reproduzir música exatamente como ela é ao vivo.

“Percebemos que usando transformadores de alta qualidade foi possível superar os limites de desempenho em um estágio de amplificação. Depois de estudar a teoria e adquirir experiência, estamos construindo agora nossos próprios transformadores sob medida para necessidades específicas”, explicam os criadores da empresa.

A Ypsilon, que começou fabricando os amplificadores M-1000 e o S-1000 pro, fica em Atenas, a cerca de 10 km do aeroporto internacional da cidade. Ela conta com uma equipe fixa pequena e que faz à mão, de forma artesanal, todos os produtos, com a presença constante dos próprios fundadores e projetistas a fim de garantir a qualidade única que caracteriza os produtos Ypsilon.

Embora já fosse relativamente bem conhecida entre os audiófilos europeus, pode-se dizer que a Ypsilon entrou efetivamente para o seleto mercado mundial do áudio high end a partir de 2007, ano de sua primeira participação na feira Consumer Electronics Show (CES), em Las Vegas. Seus produtos têm algumas características que os colocam em destaque mesmo dentro do sofisticado segmento em que atua, como seu desenho industrial moderno, luxuoso e diferenciado, o uso de válvulas em alguns modelos, exclusivamente ou combinadas com elementos de estado sólido. Além disso, são usados componentes e materiais meticulosamente selecionados em função de suas especificações e características físicas e elétricas e da sua influência sobre o resultado final sonoro de cada produto. Todos esses cuidados têm como resultado produtos com uma excepcional qualidade de áudio, merecedores da atenção e do entusiasmo expresso em várias matérias das melhores publicações internacionais especializadas no mercado do áudio high end.

OBSESSÃO POR PERFEIÇÃO

Uma das características marcantes e presentes em todos os produtos é a atenção extrema aos detalhes em todos os aspectos. Design, materiais, qualidade de som e de construção do produto, além de estreita colaboração com uma rede de contatos em todo o mundo e muito compromisso pessoal.

Atualmente, o coração da Ypsilon são os amplificadores e pré-amplificadores, como o pré-amplificador PST-100MKII e os amplificadores SET-100 ULTIMATE e AELIUS.

Representada no Brasil pela Som Maior, os fundadores da Ypsilon recordam que a parceria começou após longo período de negociações de alto nível profissional. “Isso provou para nós que a Som Maior é a representante perfeita para a Ypsilon Electronics”, comentam.

Após os primeiros pedidos que a empresa grega recebeu da Som Maior, um grandioso evento foi organizado, no qual a Ypsilon foi apresentada ao público e à imprensa brasileiros.

Eles classificam a parceria com a Som Maior como uma relação muito estreita, com pessoas tão apaixonadas por música e reprodução de áudio high end quanto eles. “O futuro que está a nossa frente é muito promissor e cheio de sucesso”, avaliam.

Sobre o mercado brasileiro, os fundadores afirmam que ele é muito importante, pois afinal a música é muito viva na cultura do país. “É primordial termos uma forte representação no Brasil. Além disso, a localização geográfica do país tem muita importância”, completam.

Além de amplificadores e preamplificadores a Ypsilon Electronics fabrica conversores DAC (digital para analógico), leitores de CDs (CD transports) e prês de fono, todos eles com uma abordagem de projeto diferente das soluções convencionais, o que explica porque seu som também nada tem de convencional. ▀

Imagine toda tecnologia da sua casa simples e inteligente...

Com a XTRON você pode desfrutar de maior nível de controle biometria, integração, controle, telefonia, CFTV, cabeamento



VISITE NOSSO SHOWROOM

Rua Normandia, 66 | Moema | São Paulo-SP | CEP 04517-040 | FONE 11 2348-1300

na palma de suas mãos de um jeito

e personalização de vários sistemas: áudio, vídeo, automação,
estruturado e wireless.

plus



XTRON

ÁUDIO, VÍDEO E AUTOMAÇÃO

www.xtron.com.br

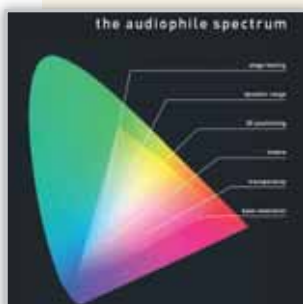
Golden Ears

por Luis Assib Zattar



Esta sessão vai abordar os álbuns que têm uma gravação excepcional, que lhe proporcionem o máximo de realismo e explorem os limites do seu sistema.

Fotos Divulgação



The Audiophile Spectrum

Quinton Sound: Jazz (Project Audio - LP)

Este LP com dez faixas de jazz foi concebido pela Project Audio Systems como uma ferramenta para ajudar os audiófilos a analisar mais facilmente as características da reprodução do seu sistema analógico. Os principais parâmetros de uma boa gravação estão claramente apresentados: transparência, resolução dos baixos, posicionamento espacial, dinâmica, palco e timbre. As diferentes faixas de vários intérpretes/grupos são de excepcional qualidade técnica e artística, o que faz deste disco não somente uma ferramenta de avaliação, mas também um prazer de se ouvir pelas belas interpretações.



California Dreaming

Wes Montgomery (Verve/Cisco Music – LP, CD)

A maravilhosa guitarra de Wes Montgomery soa esplendidamente clara e cristalina nessa excelente gravação de sua (big)banda. As interpretações são primorosas, com arranjos inspirados, mas mantendo a originalidade da música californiana dos anos 60. Delicado e coce e sutil, explosivo e de grande dinâmica em alguns momentos. Originalmente lançado em 1966 pela Verve e relançado pela Cisco em álbum de capa dupla de alta qualidade em edição limitada e numerada.



Takin' off

Herbie Hancock (Blue Note/Cisco Music – LP, CD)

Primeiro disco solo de Hancock, acompanhado de grandes nomes do jazz como Freddie Hubbard e Dexter Gordon. O som é dinâmico, potente e definido, com o quinteto perfeitamente coeso em suas interpretações. O solo de Gordon na balada Alone and I é emocionante. Um clássico do jazz, apresenta Hancock antes das tendências fusion, onde se pode apreciar a beleza do seu toque ao piano. Original Blue Note, esta edição Cisco de 2006 é de qualidade muito superior ao original de 1962.



Peer Gynt - Grieg

Fiedler - Boston Pops – Eileen Farrell (RCA Living Stereo/Cisco LP, CD)

Música para grande orquestra, coro e voz, obrigatória nas apresentações de Artur Fiedler/Boston Pops, esta gravação excepcional leva seu sistema ao limite, com as grandes exigências para reproduzir adequadamente a massa orquestral e o coro. Dramática e melancólica, com momentos de grande tensão e também de muita leveza. Seu sistema será posto à prova com esta gravação, uma obra-prima da série RCA Living Stereo.

Estes álbuns em vinil estão disponíveis na Som Maior.

ULTRAPASSE TODAS
AS SUAS EXPECTATIVAS



A linha **Phantom** da **Schaefer Yachts** tem tudo o que você espera de um grande barco: design arrojado, o melhor espaço interno, excelente performance e bom gosto em todos os detalhes. Tudo isso, aliado aos mais avançados recursos tecnológicos de produção, garante a melhor navegação em todas as categorias. Conheça a linha **Phantom** e surpreenda-se. Porque nada substitui uma **Schaefer**.

www.schaeferyachts.com.br


SCHAEFER
yachts

Sydney Opera House

Apresentamos nesta edição a Casa da Ópera de Sydney (Sydney Opera House), que se tornou um símbolo arquitetônico e colocou a Austrália no mapa cultural do mundo.

Foto: Neale Cousland / Shutterstock.com



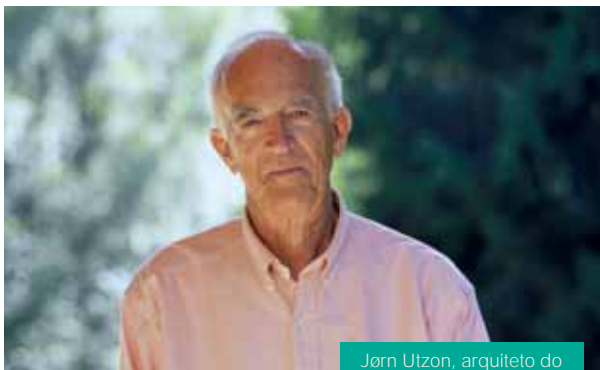
Em 1954 surgiu a primeira ideia de construir o prédio que hoje é celebrado como uma das principais obras do século XX, e que levou a cultura da Austrália aos tempos modernos: a Casa da Ópera de Sydney. Sir Charles Moses, gerente geral da Comissão Australiana de Radiodifusão, apresentou Eugene Goossens, condutor da Orquestra Sinfônica de Sydney, ao Primeiro Ministro de New South Walles, John Joseph Cahill. O encontro foi decisivo, pois foi nele que surgiu a ideia de que Sydney precisava de uma casa de ópera.

Para encontrar o projeto perfeito foi realizado, em dezembro de 1955, um concurso internacional para a escolha do projeto da casa de ópera nacional, já que Bennelong Point havia sido selecionado como local da obra. Em dezembro de 1956 chegaram à comissão do concurso mais de 220 projetos.



Projeto de acesso seguro de pedestres e veículos





Jørn Utzon, arquiteto do Sydney Opera House

O desenho enviado pelo arquiteto dinamarquês Jorn Utzon estava numerado como projeto 218, mostrando que dos 220 projetos participantes do concurso, este foi um dos últimos a chegar. Quatro arquitetos avaliaram os projetos concorrentes. Não há registros precisos de como o projeto de Jorn Utzon foi escolhido como vencedor, mas a história mais popular que se conta é a de que um dos avaliadores, Eero Saarinen, ficou estarelecido com o pequeno número de concorrentes, e tirou o projeto do dinamarquês de uma pilha de concorrentes rejeitados, afirmando que ele era, claramente, o projeto vencedor, o que foi anunciado em 29 de janeiro de 1957.

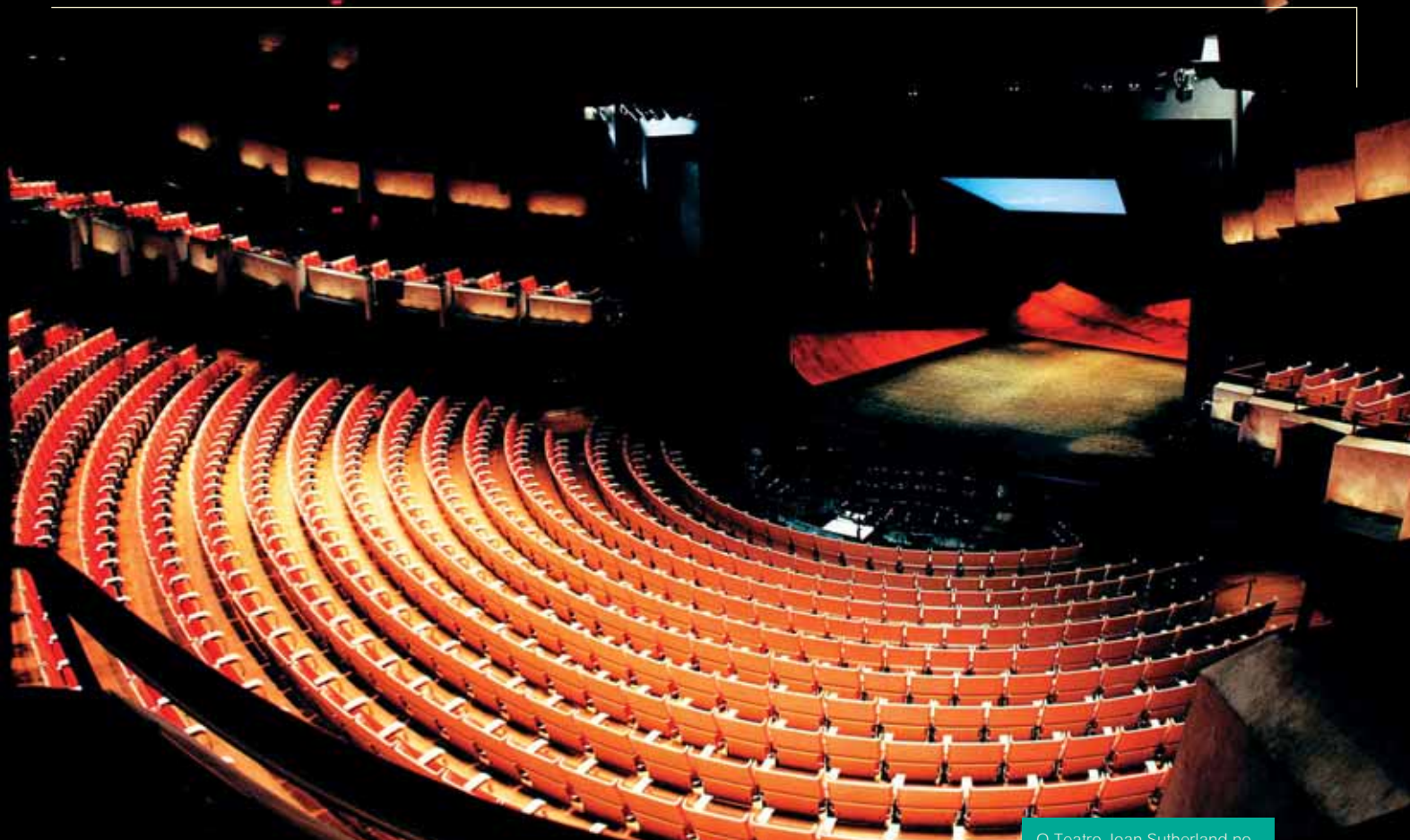
Após vários ajustes para que o projeto respondesse às exigências em relação à capacidade de espectadores para cada auditório, a obra foi iniciada em 1959, com uma sala de 2.800 lugares para a realização de concertos e outra de 1.700 lugares para a apresentação de óperas. Com isso, o prédio que tinha em 1957 um orçamento inicial de 7 milhões de dólares australianos, foi finalizado ao custo total de 102 milhões! A conclusão da casa aconteceu em 1973 e sua inauguração foi no dia 20 de outubro do mesmo ano, com Jorn Utzon já fora do projeto após problemas como o aumento no custo da obra e atrasos no seu cronograma. Hoje a obra se tornou um símbolo da Austrália.



Estágio 1 da construção - O Palco toma forma no Bennelong Point.



Estágio 2 próximo da conclusão



O Teatro Joan Sutherland no Sydney Opera House

A ACÚSTICA DO PRÉDIO

Durante o aperfeiçoamento do projeto, Jorn Utzon e sua equipe criaram o Livro Vermelho. Nele, o arquiteto idealizador da Casa da Ópera de Sydney detalhou tudo o que a obra precisava ter para se tornar a casa de espetáculos tão esperada. Incluídas no detalhamento de Jorn estavam as questões de isolamento acústico e de como o som se comportaria dentro da casa.

Segundo o documento, os sons externos eram uma grande preocupação de Utzon. De acordo com o texto, como as vias de tráfego de automóveis ficavam longe da localização do edifício, a interferência dos ruídos do trânsito teria pouca importância. Contudo, o barulho do porto de Sydney e, principalmente do aeroporto da cidade, eram considerados preocupantes. Um estudo sobre essa interferência foi altamente recomendada pelo arquiteto, afirmando que canos e dutos também fossem considerados e que as paredes de concreto e o telhado deveriam ter duas camadas.

Sobre a acústica interna do salão principal, Jorn Utzon ressaltou que o principal critério a ser considerado era o tempo de reverberação e que, depois disso, passariam a se preocupar com os outros fatores acústicos. Para calcular o tempo de reverberação o arquiteto salientou que deveriam ser levados em conta fatores como o tamanho, o número e o material dos assentos, área e material das superfícies refletivas, etc. Para definir a melhor forma da distribuição

do som, Jorn afirmou que era necessário um estudo detalhado dos aspectos geométricos do hall do salão principal, especialmente da sessão principal longitudinal.

A INAUGURAÇÃO

Entre 1972 e 1973, ano da inauguração da Casa da Ópera de Sydney, inúmeros concertos de teste foram realizados no local para avaliar suas condições acústicas.

E finalmente chegou a noite de abertura da casa. Quem se apresentou nessa noite tão festiva e memorável foi a Orquestra Sinfônica de Sydney, sob a condução do maestro Charles McKerras. A apresentação contou com a presença da rainha Elizabeth II, à época, regente da Austrália.

A Casa da Ópera de Sydney serve como sede para alguns grupos artísticos e festivais. São eles:

- Orquestra de Câmara da Austrália
- Bangarra Dance Theatre
- Ópera da Austrália
- Festival de Sydney
- Coral da Filarmônica de Sydney
- Orquestra Sinfônica de Sydney
- Companhia de Teatro de Sydney
- The Australian Ballet
- Bell Shakespeare – produz clássicos de Shakespeare

Automundi

Nascida em 1998 do amor pela música, a Automundi, de Ribeirão Preto, São Paulo, é a Revenda Diamante que vamos apresentar nesta edição.

Quando foi criada, em 1998, em Ribeirão Preto (SP), o objetivo da Automundi era a busca pelos melhores e mais atuais equipamentos de áudio e vídeo high end para encantar seus clientes, explica o fundador e proprietário da empresa, Luiz Fernando Pompei. E, acima de tudo, transformar o inimaginável em realidade por meio da tecnologia.

“A nossa missão é oferecer entretenimento, segurança e conforto, desenvolvendo projetos exclusivos de automação, áudio e vídeo que superem as expectativas dos nossos clientes”, ressalta Luiz Fernando, que já tinha como objetivo inicial se tornar referência no mercado.

Outros fatores importantes na Automundi são o respeito às pessoas e ao meio ambiente, além da ética e, é claro, a paixão declarada por inovação e tecnologia.

A parceria com a Som Maior surgiu em 2007. Isso porque a Automundi buscava oferecer excelência para um público exclusivo. “Para realizar nossa missão precisávamos de parceiros como a Som Maior. Dentre os benefícios com a parceria, o destaque é a possibilidade de oferecer para os nossos clientes as melhores marcas a nível mundial em áudio e vídeo. E os clientes amam! Mesmo porque, quem não gosta do que há de melhor?”, explica Luiz Fernando.

Recepção da Automundi com caixas acústicas B&W 805 Diamond, toca-discos Clearaudio Concept e eletrônica Rotel





Showroom da Automundi com caixas acústicas B&W Linha 600, blu-ray NAD, receiver Rotel, projetor SIM2 e cabeamento Audioquest

ESPECIALIZAÇÃO EM AUTOMAÇÃO RESIDENCIAL

“A Automundi é uma empresa especializada em automação e para isso são necessários produtos compatíveis e de altíssima qualidade. Daí a importância da parceria com a Som Maior e também da sua consultoria para a identificação dos melhores equipamentos para essa finalidade”, ressalta Luiz Fernando.

Segundo Luiz Fernando, automação nada mais é do que integrar os diversos equipamentos eletrônicos de sua casa em um único sistema. Algo simples, inteligente e eficaz, eliminando a necessidade de diversos controles remotos para executar uma função simples, como assistir a um filme no home theater ou ajustar a temperatura de toda a casa em 23°C.

Os principais objetivos de uma casa inteligente, automatizada, são conforto, simplicidade e praticidade. Requisitos indispensáveis num dia a dia onde o tempo livre está cada vez mais escasso. Dentre os itens que podem ser reunidos na automatização estão o controle de luzes, a regulação da temperatura e o monitoramento da residência, entre outras várias funções do nosso cotidiano.

Além disso, com sensores de presença, temporizadores ou até um simples toque em um botão de um iPad ou iPhone, é possível acionar cenas ou tarefas pré-programadas, trazendo maior praticidade, segurança, economia e conforto.

Em seguida, Luiz Fernando descreve os benefícios da automação residencial.

CONTROLE

Desde que esteja conectado, você terá controle, em qualquer lugar do mundo, sobre os aparelhos da sua casa e a tudo o que está contemplado no seu projeto de automação.

QUALIDADE DE VIDA

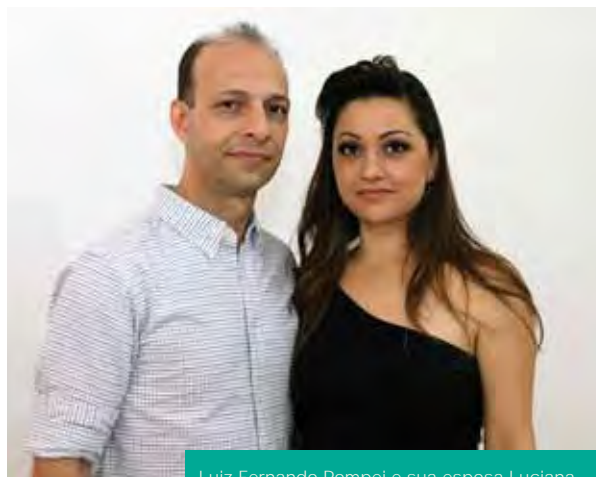
A praticidade e a agilidade proporcionadas pela automação trazem, além da economia de tempo, qualidade de vida para desfrutarmos dos prazeres que ela traz.

ECONOMIA DE ENERGIA E SUSTENTABILIDADE

A energia é usada apenas onde e quando necessária, já que você pode ligar ou desligar algo de qualquer lugar, evitando que luzes e aparelhos fiquem ligados sem necessidade. Com isso há também o benefício da preservação do meio ambiente, através da diminuição do desperdício de recursos naturais.

CONFORTO E COMODIDADE

Você pode ajustar e programar todos os sistemas integrados com a automação. Desde luzes internas e externas a equipamentos de áudio e vídeo. [»](#)



Luiz Fernando Pompei e sua esposa Luciana, fundadores e proprietários da Automundi.



Sala da Automundi com caixas B&W Linha 800 Diamond, blu-ray NAD, processador Rotel, amplificador Classé, projetor SIM2 e cabeamento Audioquest

VER, OUVIR E SENTIR.



www.facebook.com/solucao.tecnica



Conheça também nossa linha de automação e simplifique as melhores coisas da sua vida.

65 3624.0422

Rua Major Gama, 950
Centro, Cuiabá/MT.

Solução

Tecnologia em Som, Vídeo e Automação

www.solucaotecnica.com.br

Música e Vinhos

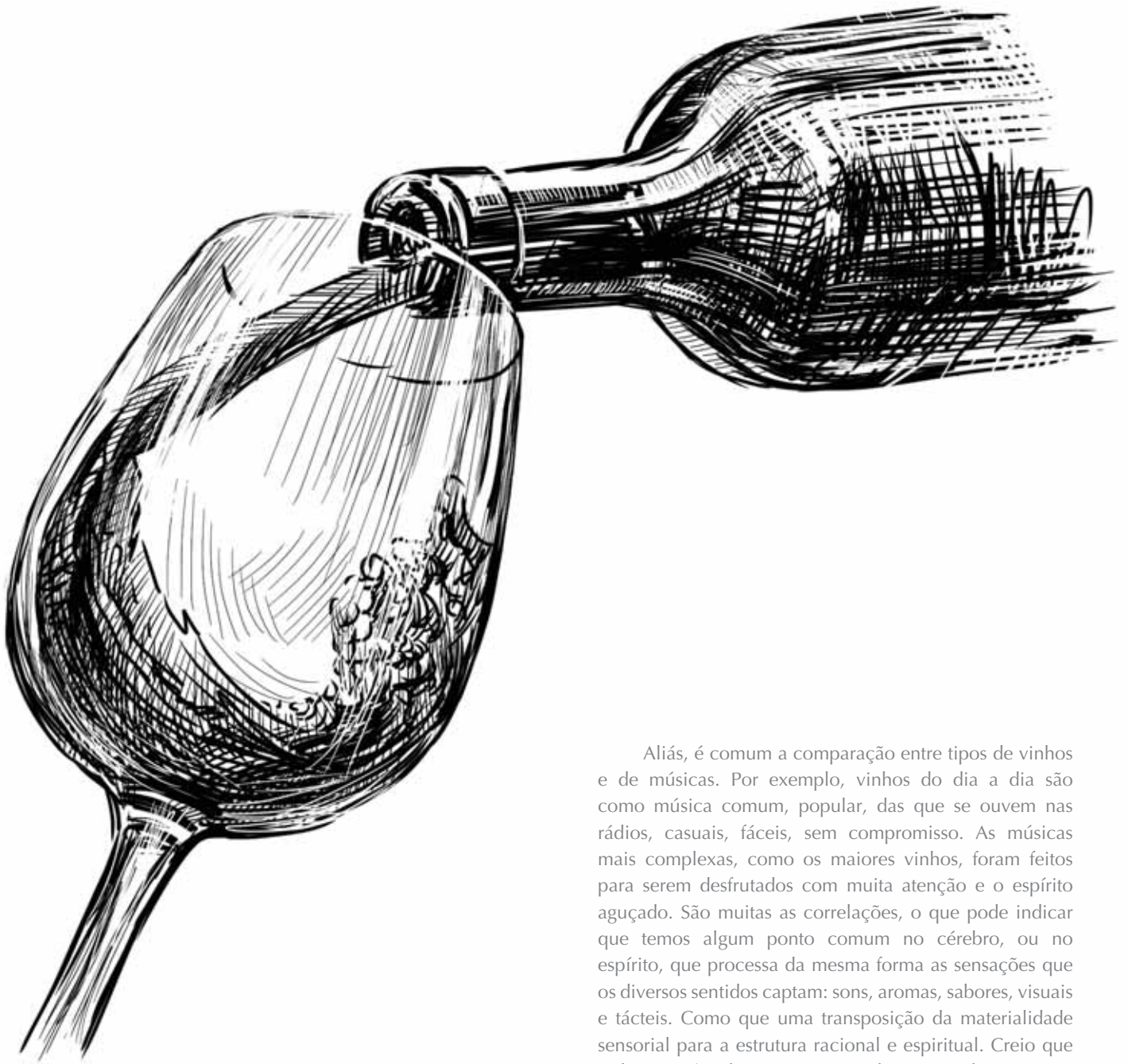
Por Guilherme Rodrigues

Lembro-me de certa vez quando conversava com M. Aubert de Villaine, co-proprietário e gestor do célebre Domaine de la Romanée-Conti. O inspirado papo fluía com um soberbo Romanée-St.-Vivant do DRC de coadjuvante, um vinhedo pelo qual M. de Villaine tem apreço muito especial. O tinto possuía limpidez cristalina. As nuances gustativas saltavam como notas musicais sobre um fundo melódico. Arrisquei fazer a comparação com a música. Disse a M. de Villaine que o vinho me recordava


jazz, algo a Miles Davis. Ele me olhou surpreso: - Não, jazz não! Aprecio muito jazz, mas um Romanée St. Vivant como este, para mim, sempre foi o mais puro Mozart! E passamos então a falar do vinho como se fosse música: ritmo, profundidade, amplitude, tons, notas, melodia, equilíbrio... Ele tem razão com Mozart... O andante do concerto para piano nº 4, por exemplo. Mas que também lembra Miles Davis, algo do So What, isso lembra.







Aliás, é comum a comparação entre tipos de vinhos e de músicas. Por exemplo, vinhos do dia a dia são como música comum, popular, das que se ouvem nas rádios, casuais, fáceis, sem compromisso. As músicas mais complexas, como os maiores vinhos, foram feitas para serem desfrutadas com muita atenção e o espírito aguçado. São muitas as correlações, o que pode indicar que temos algum ponto comum no cérebro, ou no espírito, que processa da mesma forma as sensações que os diversos sentidos captam: sons, aromas, sabores, visuais e tácteis. Como que uma transposição da materialidade sensorial para a estrutura racional e espiritual. Creio que os leitores já tenham experimentado tais correlações. Caso não, tentem e vejam com que tipo de vinho se parece tal e tal música. Ou que sensações comuns despertam, que acordes e que nuances possuem. Sem falar que quanto melhor o vinho, melhor deve ser o copo e o cuidado com o serviço; e quanto melhor a música, melhor a aparelhagem de reprodução. Para que irradiem as sensações com a maior fidelidade possível.

No mais, vinho e música são acompanhantes perfeitos. As correlações são intermináveis. Mas o bom mesmo, ainda melhor, é escolher um bom vinho, relaxar e acomodar-se confortavelmente, ouvindo tocar uma música especial. Saborear, pensar, dar asas à imaginação com ambos juntamente. Nasceram um para o outro, para exaltar nossa espiritualidade. 

JL AUDIO[®]
M A R I N E

*Segundo a lenda, o único jeito
de derrotar uma sereia ao cantar
seria cantar melhor do que ela.
Os equipamentos nós garantimos,
com preços 40% mais baixos.*

zquattro.net



NÃO É LENDA

CONJUNTO COAXIAL M650-CCX



DE R\$ 3.290,00
POR R\$ 1.975,00

TODA LINHA JL AUDIO COM PREÇOS 40% MAIS BAIXOS.

A Som Maior, referência em áudio e vídeo high end, traz com exclusividade o melhor em equipamento de áudio para barcos - **JL Audio**.

São alto-falantes, amplificadores, subwoofers e todos os acessórios que você precisa para deixar o seu barco equipado com som de altíssima qualidade. E o melhor, agora com **preços 40% mais baixos** através do canal de vendas diretas. Compre pelo site ou por telefone diretamente com nossos consultores, que irão lhe ajudar a escolher o melhor sistema para a sua embarcação.

Som Maior - o melhor som, agora também em alto mar.

som maior
AUDIO VIDEO HIGH END

47 3472 2666 - www.lojasommaior.com.br

Confira aqui o que há de mais novo no universo do áudio e vídeo high end entre as mais conceituadas marcas distribuídas pela Som Maior

Nova Linha 600 da B&W

B&W Bowers & Wilkins

As caixas acústicas são o item isolado cuja substituição é capaz de proporcionar a maior mudança na qualidade geral de um sistema de áudio ou de home theater. E para quem deseja montar ou fazer um upgrade em um sistema de entrada temos uma excelente notícia: a Bowers & Wilkins está renovando sua consagrada Linha 600, lançando agora sua 5ª geração, com mudanças estéticas (dimensões e cor dos gabinetes e adornos) e um som ainda mais refinado, decorrente de algumas inovações tecnológicas e de construção.

Chamar as caixas acústicas da nova linha 600 de produtos de entrada não deixa de ser uma injustiça, pois sua qualidade de áudio é tudo menos isso. Para dar alguns exemplos, todos os modelos (exceto, é claro, os subwoofers) utilizam uma nova versão do excelente tweeter com domo de alumínio e carga por tubo que equipava a linha anterior. Ele passa agora a ter tela protetora e duplo domo, além do desacoplamento do gabinete através de isolante de baixa dureza, o que resulta em agudos mais limpos e melhor

imagem estéreo. Foi colocada, ainda, uma tela protetora. Nos alto-falantes de graves/midrange com cones de Kevlar foi agora acrescentado um “plugue” de espuma com baixo perfil para absorção de energia, enquanto que os woofers passaram a ter cones de alumínio de dupla camada e anodizados em uma cor escura ou clara para harmonizar-se com o acabamento do gabinete. Finalmente, nos alto-falantes de médios (midranges) das caixas 683 e HTM61 é utilizada a tecnologia FST da Bowers & Wilkins.

A nova Linha 600 é formada pelos modelos 686 e 685 (bookshelf), 684 e 683 (torre ou de piso), HTM62 e HTM61 (centrais), ASW608, ASW610 e ASW610XP (subwoofers), DS3 (caixa monopolo/dipolo) e pedestais STAV24. Existem ainda dois sistemas 5.1 para home theater: o 684 Theater (caixas frontais 684, central HTM62, 686 para os canais de surround e subwoofer ASW610) e o 683 Theater (caixas frontais 683, central HTM61, 686 nos canais de surround e subwoofer ASW610XP).

Black 683 Theatre



Fotos Divulgação



Five Channel Power Amplifier G55



Two Channel Power Amplifier G57



Digital Surround Controller G65

A Meridian está renovando sua extraordinária linha de produtos G Series através do lançamento do controlador de surround G65, do amplificador estéreo G57 e do amplificador de cinco canais G55, todos com o belo e característico design dessa linha, com gabinete na cor preta ou prata, e uma reprodução de áudio simplesmente fora de série.

Descendente direto da Série 800, a top de linha da Meridian, e com novos circuitos especificamente projetados para ele, o controlador G65, usado em conjunto com o processador HD621 de áudio via HDMI, permite sua conexão com uma ampla gama de fontes de áudio e de vídeo, oferecendo controle unificado sobre o alinhamento temporal, o gerenciamento de graves e o processamento de surround. Como peça central de um Meridian Digital Theater, o G65 foi projetado para alimentar diretamente, no âmbito digital, as caixas acústicas ativas Meridian DSP, o que dispensa o uso de amplificação externa, e inclui saídas analógicas balanceadas para sistemas convencionais. Entre outras tecnologias exclusivas da Meridian, o G65 inclui o recurso Smart Source, que seleciona automaticamente os

ajustes corretos para o máximo em qualidade de audição, enquanto que o seu sistema de superamostragem apodizante corrige até problemas existentes em uma gravação digital original. Convém ainda mencionar o recurso Meridian Room Correction, que controla o comportamento das baixas frequências de uma sala para realçar a clareza e a imagem sonora, proporcionando assim uma experiência mais emocionante e envolvente de home theater.

Para uso com caixas acústicas (passivas) de outros fabricantes em um sistema de home theater ou estéreo, a Meridian está apresentando dois modelos de amplificadores: o modelo G55, de cinco canais, e o modelo estéreo G57, o primeiro oferecendo 100W RMS e o segundo 200W RMS de potência contínua por canal. Ambos têm várias características em comum, como um exclusivo projeto com nível ultra reduzido de realimentação para proporcionar uma soberba qualidade de áudio, caminho de sinal sem o uso de capacitores, para a reprodução de graves rápidos e precisos, entradas balanceadas e não balanceadas e sistema de proteção total.

A Rotel, mundialmente reconhecida pela alta qualidade e valor dos seus produtos, está complementando e enriquecendo sua linha de amplificadores multicanais através da introdução do RMB-1585, que passa agora a ser o seu modelo top de linha. Com 200 W RMS x 5 de potência, suficiente para sonorizar grandes ambientes, o RMB-1585 é um sério candidato para a composição de um excelente sistema de home theater. A qualidade de reprodução de filmes de ação e músicas vem como resultado do conceito Balanced Design da Rotel, na qual a topologia dos circuitos e a seleção de peças e componentes

se combinam. Parte importante dessa qualidade resulta do uso de transformadores toroidais projetados e fabricados pela própria Rotel. Esses transformadores fornecem as tensões e correntes apropriadas para os retificadores, reguladores e capacitores e servem também como primeiro estágio de filtragem da energia de corrente alternada. Na fonte da seção de saída do RMB-1585 são utilizados oito capacitores de folha metálica (latão) de fabricação inglesa, cada um com uma capacidade de 15.000 µF. É a soma de detalhes como esses que garante o refinado desempenho do RMB-1585.



RMB-1585



Toca-Discos Elemental da Pro-Ject



O toca-discos Elemental da Pro-Ject é uma ótima alternativa para quem deseja experimentar as virtudes do áudio analógico sem fazer um grande investimento. Ele representa uma resposta de alto padrão da Pro-Ject aos toca-discos de plástico que costumam ser ofertados como produtos de entrada por outros fabricantes. Contrariamente a isso, a única peça feita de plástico usada no Elemental é o protetor da agulha! Seu prato é feito de MDF de baixa

ressonância com tapete de feltro. Com o Elemental, não é preciso ter o trabalho e a paciência para fazer o ajuste do contrapeso do braço e do anti-skating. Eles vêm ajustados de fábrica. Com relação ao braço, ele é do tipo retilíneo e de massa ultra baixa e já vem equipado com uma cápsula Ortofon de ótima qualidade da série OM. Tudo que você precisa fazer para colocá-lo em funcionamento é passar a correia de tração ao redor do prato, retirar o protetor da agulha e conectá-lo ao seu sistema de áudio. Um dos segredos da elevada qualidade sonora do Elemental está no seu ponto central de massa e de gravidade, feito de pedra artificial e colocado diretamente abaixo do rolamento, o que faz com que absorva totalmente o ruído de rumble e de vibração do motor. Seus plugues de saída RCA, assim como os terminais da cápsula, são banhados a ouro. O Elemental parece simples, mas tem um design bastante moderno e é capaz de oferecer uma reprodução musical com um alto padrão de qualidade.



Toca-Discos Elemental

Projektor Grand Cinema™ Superlumis da SIM2

O Grand Cinema™ Superlumis da SIM2 é especialmente indicado para videófilos que desejam ter em sua casa o máximo em experiência de cinema ao “estilo de Hollywood” que um projetor é capaz de proporcionar: imagens com inigualável profundidade de cores, excepcional nível de preto e de relação de contraste (até 30.000:1 com Dynamic Black™) e alto brilho, o que permite sua utilização com as maiores telas disponíveis ou em ambientes não totalmente escurecidos. Tudo isso vem como resultado da aplicação das melhores tecnologias disponíveis, como o chipset DLP 0,95” 1080p DC4 da Texas Instruments, uma versão aperfeiçoada do conjunto luminoso ALPHAPATH™ da SIM2 e uso da tecnologia 3D Triple Flash (144Hz). Através desta última, o Superlumis proporciona uma experiência em 3D mais suave, natural e livre de fadiga visual. Além da sua excepcional performance, o Superlumis tem um design de rara beleza, assinado por Giorgio Revoldini. Seu gabinete com acabamento de alto brilho e curvas acentuadas convida a deixá-lo exposto, em lugar de escondido no teto. Em matéria de conexões ele oferece duas entradas HDMI versão 1.4, uma entrada component video, três portas para triggers de 12V, uma RS-232 e saída 3D Sync para o seu transmissor de 3D.

Fotos Divulgação

Grand Cinema Superlumis



Produtos Atlona



Ampliando ainda mais sua lista de marcas distribuídas no Brasil, a Som Maior passa a representar a Atlona, empresa americana especializada em soluções de conectividade para aplicações de áudio, vídeo e TI, tanto comerciais quanto residenciais. Sua considerável linha de produtos de alta qualidade inclui chaveadores, amplificadores de distribuição para conexões HDMI e VGA, conversores de formatos e scalers, equipamentos de testes e diversos acessórios. São produtos que permitem aos projetistas de sistemas, integradores, consultores e instaladores a criação de soluções customizadas e ampliáveis e que excedem as expectativas de seus clientes, além de proporcionarem economia de custos. Quanto à qualidade desses produtos, basta citar apenas um fato: a Atlona oferece para todos uma garantia de nada menos do que dez anos!

Dentro da grande variedade de produtos oferecidos pela Atlona, vale a pena citar dois exemplos. O primeiro é o chaveador Matrix HDMI 4 x 4, com múltiplas funções de controle, resolução HD de 1080p e compatibilidade com todos os formatos de áudio com ou sem perdas (Incluindo Dolby TrueHD e DTS-HD Master Audio) e com vídeo 3D e canal de retorno de áudio (ARC). Oferece ainda saída S/PDIF para conexão com um receiver ou amplificador de distribuição. O segundo é o chaveador HDMI Matrix 16 x 16, que leva, via cabo CAT 5/6/7, sinais de áudio e de vídeo de fontes com saídas HDMI a distâncias de até 100m, permitindo o controle de até 32 aparelhos através de controle remoto, RS-232 e do seu painel frontal. Ele é também compatível com todos os formatos de áudio, vídeo 3D com resolução de 1080p de resolução e canal de retorno de áudio, oferecendo ainda saída S/PDIF.



Atlona 8 by 8 HDMI Matrix Switcher

MELHOR AMPLIFICADOR
MELHOR SUB
MELHOR PROJETOR
MELHOR CAIXA
MELHOR TELA
MELHOR TV



LUCIANO JULIÃO

ÁUDIO E VÍDEO HIGH END



ESTRELANDO

B&W Bowers & Wilkins

CLASSE

MERIDIAN



ROTEL

Integra

nexus

UM TOQUE DE EXCELÊNCIA PARA TRANSFORMAR A SUA CASA EM UM GRANDE ESPETÁCULO

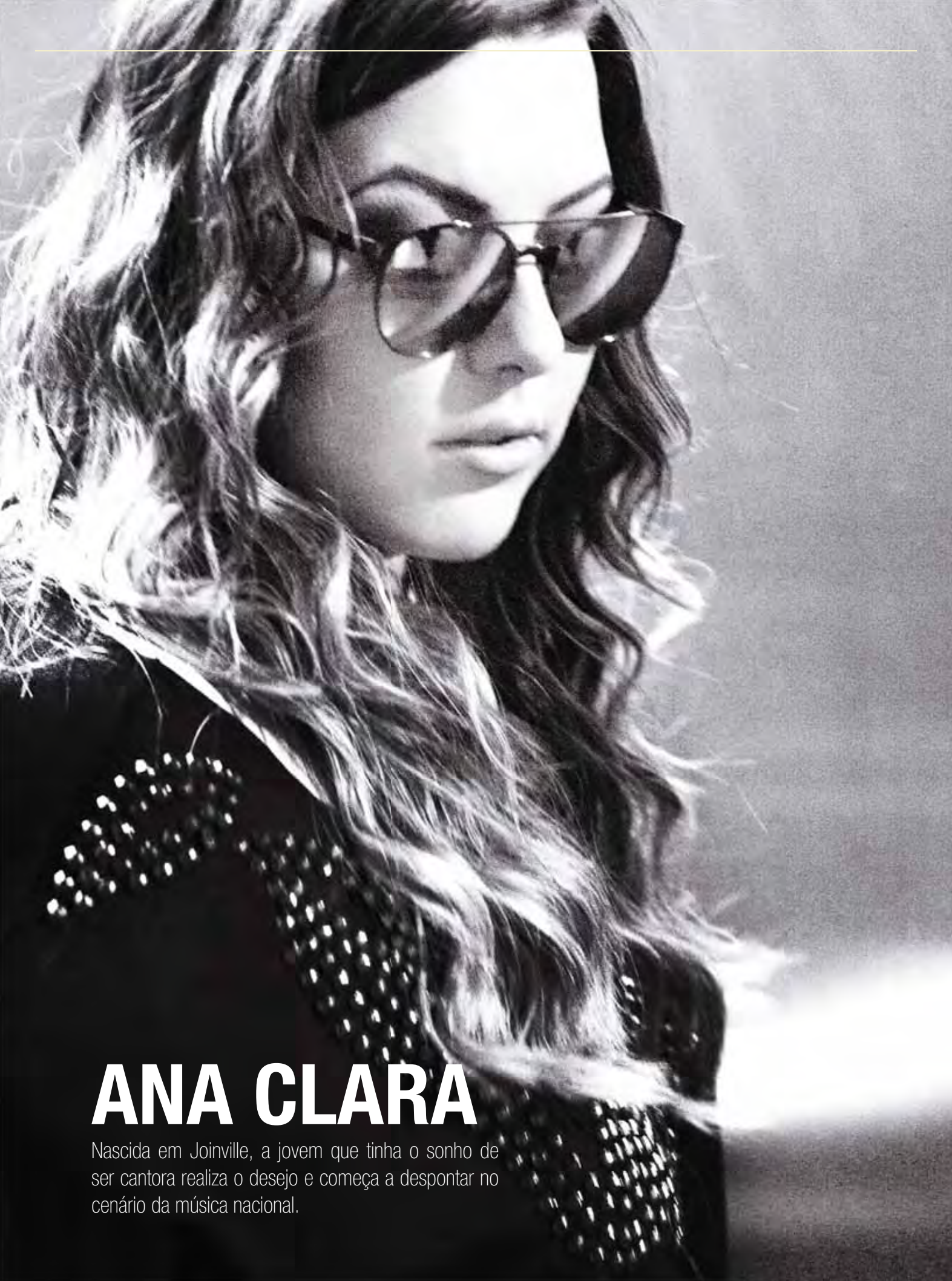
Você merece o melhor. Faça da sua casa um grande cenário e proporcione a você e à sua família entretenimento de qualidade, repleto de agradáveis atrações: projetores, caixas acústicas, toca-discos, amplificadores, receivers, telas e os melhores projetos e serviços. A Luciano Julião executa para você projetos com elegância, refinamento, qualidade superior, serviços altamente especializados para transformar a sua casa em um palco de atrações e entretenimento. Luciano Julião, o encontro da excelência com o entretenimento em um grande cenário: a sua casa.



ÁUDIO & VÍDEO

luciano@juliao.com.br





ANA CLARA

Nascida em Joinville, a jovem que tinha o sonho de ser cantora realiza o desejo e começa a despontar no cenário da música nacional.



A paixão pela música acompanha a cantora joinvilense Ana Clara desde criança. Foram aulas de violino e piano, de canto e de teoria musical, e a paixão pela música só fez aumentar.

Decidida a seguir carreira dentro do mundo da música, Ana, hoje com 20 anos, fez shows e aberturas de apresentações para diversos artistas desde os 14 anos. E foi no meio de toda essa experiência musical que a joinvilense encontrou um ritmo para chamar de seu: o samba.

Depois da escolha, Ana Clara só precisava de mais uma coisa: ter o seu pedido de aniversário atendido, que foi a gravação do seu primeiro álbum. Com o título de "Aos Quatro Cantos", o presente de Ana foi gravado no

Rio de Janeiro, produzido por Leandro Sapucahy, e foi lançado em 2012.

“Quando se trata de samba, praticamente todo mundo já ouviu falar em Leandro Sapucahy. Escolhi fazer meu primeiro álbum com ele porque havia gostado de alguns discos que ele tinha produzido, como os de Maria Rita, Diogo Nogueira e Arlindo Cruz. Então, não pensei duas vezes. Toda a equipe que trabalhou nesse projeto foi nota 10, e o CD ficou a minha cara”, comenta Ana.

O álbum conta com treze músicas, das quais nove são inéditas. Sua primeira música de trabalho foi “Trajetória”, que contou com a participação mais do que especial de Péricles, cantor e compositor do Grupo Exaltasamba até 2012. Como ele mesmo gosta de definir, não foi apenas um padrinho, mas assinou embaixo, o que é muito mais sério.

A música com letra romântica é algo diferente do que o público está acostumado a ouvir na voz feminina. “O mercado tem mesmo essa carência de mulheres que cantam e falam de amor para os homens. Eu estou aqui erguendo a bandeira do samba. Espero que dê certo!”, fala a cantora.

Até ficar pronto, Ana Clara trabalhou durante cerca de um ano em “Aos Quatro Cantos”. A cantora explica que acompanhou de perto todos os processos



Ana e Péricles fazem parceria no primeiro trabalho da cantora



A sua vida pode
ser BRAVISSIMA.

ONEVIG ▶▶



que isso a fez perceber o quanto é importante estar atento aos detalhes.

“Acredito que o tempo maior foi gasto em cima do repertório, no qual o artista tem que ter certeza da linha que deseja seguir. Apesar de que eu já havia escolhido minha linha na época, foi muito difícil encontrar composições em que mulheres falam de amor para homens, mas consegui, e o CD ficou maravilhoso, do jeitinho que eu queria”, comemora Ana.

Além do CD ter ficado exatamente do jeito que Ana queria, ainda contou com a participação de Péricles, que Ana classifica como “a cereja do bolo”.

“Ele foi a pessoa certa na hora certa. Ele é demais! É a pessoa com quem eu e meu CD nos identificamos muito. Ele simplesmente fechou com chave de ouro”, derrete-se a cantora. “Foi indescritível ter gravado ao lado dele. Nem consigo encontrar palavras para descrever tamanha emoção. Com toda a certeza foi um dos momentos mais marcantes que vivi. Sempre fui fã dele, desde pequena, e por isso fiquei muito surpresa quando ele topou abraçar e participar deste meu projeto de vida. Durante a gravação, emocionei-me algumas vezes. Fui muito abençoada, pois foi uma oportunidade de ouro”, ainda comemora.

FAMÍLIA MUSICAL

Vinda de uma família tão musical, era mais do que natural que Ana Clara quisesse seguir a carreira artística. O pai toca percussão e canta. A irmã também canta e toca alguns instrumentos. Desde os dois anos Ana frequentou aulas de violino, depois piano e técnica vocal. Aí a paixão por cantar tomou conta e, aos treze anos, já cantava “na noite”. Também participou de DVDs e CDs de artistas do Sul do Brasil.

NOVOS DESAFIOS

No momento, Ana Clara está trabalhando em seu novo EP (Extended Play - gravação que contém mais que uma música, mas tem poucas faixas para se qualificar como um LP ou álbum), “Essa Sou Eu”. Com cinco faixas e uma de bônus, o trabalho foi produzido por Rodriguinho. Esse disco promete inaugurar uma nova fase na carreira da cantora.

E a divulgação do novo trabalho não poderia começar de outra tão boa forma quanto através da participação do ator Caio Castro no clipe da música que dá título ao EP.

Produzido pela Real Filmes, dirigido por Rodrigo Giannetto e gravado num estúdio em São Paulo, o vídeo foi o primeiro do qual o ator participou. Nele, Caio interpreta vários papéis, desde músicos até o diretor do clipe.

“Meu objetivo foi trabalhar a imagem da Ana e do samba de forma inovadora, fugindo do que é convencional nesse tipo de trabalho musical. Surgiu a ideia de algo com impacto, jovem e moderno. Adotamos computação gráfica, cinema digital e trabalhamos com o ator multiaplicado. Formamos assim uma grande brincadeira junto com a performance da Ana”, fala o diretor.

Para Ana Clara a gravação do clipe foi muito importante para sua carreira. “Tivemos a grata surpresa de uma participação super bacana de um grande ator da nossa geração. O Caio se encaixou perfeitamente com o nosso objetivo de fazer um clipe diferente, que fugisse do clichê e com uma levada mais moderna, engraçada e descontraída”, fala.

Já para Caio Castro, o grande desafio foi “tocar” instrumentos que ele nunca havia tocado na vida. “É o primeiro clipe que faço. Foi bem tranquilo, mas o que mais pegou foi a questão musical, sincronizar meus movimentos com o tempo certo da música. Alguns instrumentos eu nunca tinha tocado na vida, como o tantã e o surdo, então esses foram os maiores obstáculos. O clipe ficou muito bacana. A Ana Clara tem uma voz incrível, sensacional, é uma sambista de primeira. Espero que todo mundo goste deste trabalho que fizemos juntos, com bastante amor e dedicação”, comenta o ator.

Sobre a música do clipe, que foi composta pelos músicos Thiaguinho, ex-integrante do “Exaltasamba”, e Rodriguinho, integrante do “Os Travessos”, Ana se derrete. “Estou tão feliz em gravar essa música do Thiaguinho e do Rodriguinho! É uma canção que fala de amor, mas que tem uma levada dançante e não vai deixar ninguém parado”, avalia a cantora.



Caio Castro participa do novo clipe da cantora



Ana agora divulga seu novo trabalho: "Esta Sou Eu"



Ana e o famoso cantor Péricles fazem parceria no primeiro trabalho da cantora

PARCERIA DE SUCESSO


Péricles fez um dueto com a cantora Ana Clara no primeiro CD da artista: eles gravaram juntos a música “Trajetória”. Apesar de ser considerado padrinho da cantora, Péricles prefere outra nomenclatura para a parceria.

“Não gosto de dizer que sou um padrinho, prefiro dizer que estou assinando embaixo, e isso é muito mais sério. Estou assinando embaixo de um trabalho em que eu também acredito”, explica.

Para Péricles, do mesmo jeito que o bastão foi passado para ele, ele deve fazer o mesmo, mostrando gente nova, que está em busca de um espaço. “As pessoas podem confiar que ela tem bom gosto. Ela canta muito, tem carisma e chegou para ficar”, fala

Péricles sobre a joinvilense.

Depois foi a vez de Ana Clara retribuir a gentileza e fazer uma participação especial no DVD “Péricles”, gravado na Fundação Progresso, Rio de Janeiro. A artista cantou “Nossos Planos”, música que também foi composta por Thiaguinho e Rodriguinho. O DVD também contou com a participação do grupo Sambô e dos cantores Mumuzinho e Xande de Pilares.

“Participar da gravação do DVD do Péricles foi um momento lindo e emocionante para a minha carreira. Agradeço ao Péricles e à sua banda por estarem sempre comigo”, comemora Ana. 



Visite-nos e conheça o significado de sentir seu espaço

Projetos onde a ficção se enlaça com a realidade e são capazes de transformar pequenos momentos em experiências sensoriais memoráveis.

cinemashow

Equipamentos das mais conceituadas marcas de áudio e vídeo high end e os mais completos sistemas de automação.

Av. Ângelo Bolson, 467 Santa Maria RS 55 3028 0110 | cinemashow@desconzi.com.br | www.cinemashowsm.com.br | facebook.com/cinemashowsantamaria

Bill E. Low

Fundador, projetista e CEO da AudioQuest, William E. Low, mais conhecido como Bill Low, cresceu apaixonado pela música e, desde cedo, aproveitou esse amor para transformá-lo em negócio, com o benefício adicional de ter lhe permitido se tornar um cidadão do mundo

Conte-nos um pouco a seu respeito. Quem é William E. Low? Onde você nasceu, estudou, e como foi sua vida até a criação da AudioQuest?

Começando pelo início, nasci em Boston, Massachusetts, filho de um pai vienense e mãe americana (remontando aos primeiros assentamentos na Nova Inglaterra e na Virgínia). Sou muito grato pela perspectiva mundial que eles deram a mim e faço o melhor ao meu alcance para ser um cidadão do mundo tanto quanto meu pai o foi durante toda a sua vida.

Quanto à minha iniciação ao áudio, bem, como ser humano eu sou tocado pela música. Talvez, porém, com o passar do tempo eu tenha acabado ficando um pouco mais experimentador e sério a esse respeito. Aos dez anos eu fazia meus deveres de casa enquanto ouvia as 40 mais em uma rádio AM (antes da FM), com dois rádios transistorizados de oito dólares, um em cada uma das duas gavetas ao lado da minha mesa. Essas duas gavetas ficavam abertas cerca de 10 cm, permitindo que uma versão um pouco mais encorpada da música saísse e me envolvesse. Isso poderia não ser som com surround como hoje o consideramos, mas funcionava no sentido de me deixar mergulhado na música. O único problema era que quando começava a tocar uma música que eu gostava, como Blame It On The Bossa Nova, era difícil para eu prestar atenção no meu trabalho.

Dois anos mais tarde, em 1964, vendi por treze dólares meu toca-discos de criança e comprei por 25 dólares um toca-discos usado de melhor qualidade (em muitas e muitas prestações, usando minha mesada de cinquenta centavos de dólar por semana). Com ele, aprendi que um toca-discos tinha um prato, um amplificador e uma caixa acústica, peças essas que podiam ser melhoradas uma de cada vez. Comprei sete pequenos alto-falantes de um dólar através de um catálogo de vendas pelo correio e pendurei-os pelo meu quarto. Poder ficar imerso na música significava tudo para mim.

Pouco tempo depois comecei a montar Heathkits e Dynakits* para outros estudantes. Os cinco a dez dólares que eu ganhava em cada amplificador ou pré-amplificador, etc. eram gastos em LPs e me ajudavam a comprar alguma coisa melhor, como, por exemplo, um toca-discos Garrard Lab 80 com cápsula Empire 888PE. Em certa época, no Reed College, meu toca-discos Dual 1219, pré de fono e receiver estéreo da Heathkit me atenderam bem por uns



dois anos, até que um amigo e eu começamos um negócio em hi-fi no penúltimo ano da faculdade (em 1972, ano em que Steve Jobs matriculou-se na Reed, embora na época não soubéssemos disso). Recomendávamos o que deveria ser comprado, oferecíamos um preço sensivelmente menor do que o do revendedor local da Costa Leste, tomávamos o pagamento adiantado, comprávamos os produtos de estabelecimentos de descontos da Costa Leste e deixávamos nossos clientes muito felizes. Logo após isso começamos a comprar por atacado, nos tornamos o primeiro revendedor da Yamaha do Noroeste do Pacífico (Oregon, Washington, etc.), evoluímos para a venda principalmente de marcas inglesas e, em 1975, nos tornamos o maior revendedor dos toca-discos Linn Sondek dos Estados Unidos.

Finalmente, meu desejo de morar no norte da Califórnia fez com que eu passasse minha loja para um funcionário e, em 1976, mudei-me para Palo Alto para me tornar um representante independente. Vendendo caixas acústicas eletrostáticas Koss e Celestion, eletrônica da Audionics, cápsulas fonocaptoras e, o mais importante, escovas Decca de fibra de carbono para a limpeza de discos. Mais importante porque foram a única coisa em que obtive sucesso nas vendas. Após um ano delicioso “passando fome” em Palo Alto, mudei-me para Santa Mônica para ter a chance de ser um pouco menos fracassado no mercado do Sul da Califórnia. Após mais um ano como representante, percebi que era bem melhor no varejo, onde se tem controle suficiente para vender os produtos de que mais gostamos. A única forma que conheço de vender é a de passar credibilidade, fazendo recomendações pessoais honestas.

Diga-nos alguma coisa a respeito de sua carreira, sobre como ingressou na indústria do áudio e do vídeo.

Vocês puderam ver, a partir da minha história até agora, de que maneira fui atraído para a indústria do áudio. Nunca tive um plano, apenas desejava manter meus hábitos no áudio hi-fi, ganhar algum dinheiro e, se possível, não precisar ter um emprego regular quando



Bill Low, fundador e CEO da AudioQuest

“É a parte do áudio de uma experiência audiovisual que traz quase todo o estímulo emocional.”

Bill Low



terminasse a faculdade. O momento decisivo, no entanto, foi aquela decisão, em 1978, de voltar para o varejo, de começar a vender meus aparelhos de áudio favoritos em meu apartamento em Santa Mônica.

Em 1976, a Polk Audio, fabricante de caixas acústicas, começou a importar para os Estados Unidos um cabo japonês para caixas acústicas (que chamavam de Cobra Cable). A introdução desse cabo na Feira CES de junho, em Chicago, foi para mim o início oficial do negócio de cabos nos Estados Unidos. Assim, quando abri novamente uma loja em 1978 eu desejava ter cabos de qualidade superior para utilizar e vender. Naquela época, eu estava utilizando um cabo elétrico de grosso calibre que meu amigo e futuro criador da Monster Cable, Noel Lee, estava vendendo no Norte da Califórnia, mas eu desejava alguma coisa melhor, algo especial. Juntei meus esforços com outro pequeno revendedor no sul da Califórnia e juntos pedimos um cabo sob encomenda, com 435 tranças de condutores Litz em um par trançado. Apesar de sua feia capa branca de nylon e aparência modesta, esse cabo era, até onde tínhamos conhecimento, o melhor que havia disponível para caixas acústicas, muito melhor do que o Fulton Gold ou que os raros cabos importantes daquela época.

Nos próximos dois anos, vendi esse cabo para meus clientes, mas também para outros pequenos revendedores que eu conhecia por ser também um representante independente e para um distribuidor japonês que visitava minha loja após cada feira da CES. Finalmente, em 1980, decidi fabricar cabos com a finalidade de vendê-los para outros revendedores. Comecei a inovar com o design, melhorei a qualidade de áudio e, por volta do final de 1980, tinha 42 revendedores no Sul da Califórnia e um

no Colorado. Em janeiro de 1981 participei pela primeira vez da CES, e em poucos meses tinha revendedores em 35 estados e em vários países da Europa e da Ásia. Era o começo da AudioQuest!

Como é sua vida como fundador da AudioQuest?

Muito boa, obrigado! A melhor parte é aquilo que já mencionei a respeito de não precisar ter um emprego regular. Ser proprietário do próprio negócio parece significar nunca precisar trabalhar, pois é o que alguém deseja fazer, embora isso não signifique necessariamente transformar todo o tempo gasto em diversão ou recreação. Atualmente, gosto especialmente de poder viajar para qualquer lugar do mundo, tanto para fazer negócios quanto para ser ao mesmo tempo um atento estudante do mundo. Sou muito afortunado!

O que você gosta de fazer no seu tempo livre? Tem algum hobby?

Aquilo que disse a respeito de trabalhar para você mesmo não é na realidade trabalho. A AudioQuest é meu principal hobby. Porém, eu também gosto de filmes. Vejo mais de 250 filmes por ano em festivais e em cinemas. Assisto também a cerca de cinquenta peças de teatro e óperas e a um certo número de concertos. É bom que não assisto à programas de TV, caso contrário não me sobraria tempo algum. E gosto de carros. Não passo tanto tempo com eles quanto gostaria, embora geralmente faça umas duas viagens de 5.000 quilômetros por ano pela América do Norte e mais alguns mil quilômetros pela Europa.

Como vê o futuro do negócio do áudio e do vídeo high end?

Gosto de dizer que o negócio do entretenimento doméstico eletronicamente facilitado não faz outra coisa a não ser crescer, mas qual o tipo de produtos que serão fabricados, por qual tipo de empresa e vendidos através de qual canal de distribuição são coisas em constante tumulto. As pessoas em toda parte desejam entretenimento eletrônico, mas a divisão entre áudio (e algumas vezes vídeo) como atividade principal em comparação ao seu uso como um complemento de outra atividade (cozinhar, fazer limpeza, socializar, etc.) tem um efeito profundo sobre o negócio do “high end”. O desempenho não precisa ser “bom o suficiente para valer o tempo de alguém” caso seja apenas como pano de fundo, e não como o elemento principal. O pequeno número de pessoas que tratam o áudio como se ele valesse o seu tempo são o solo fértil no qual cresce o high end. Em todo o mundo, essa é uma porcentagem menor da população do que era 25 anos atrás, mas acredito firmemente que ela está crescendo novamente, de cima para baixo, com uma geração mais nova descobrindo lentamente que pode ter praticidade e alta qualidade. E, embora menos práticos, alguns estão descobrindo e experimentando os prazeres dos discos de vinil.

Atualmente, os arquivos de áudio de alta resolução são um fenômeno marginal, invisível para a maioria das pessoas, mas este ano provavelmente isso irá mudar quando o maior vendedor de músicas do mundo começar a disponibilizar arquivos de 48 e 96 kHz de 24 bits de milhões e milhões de músicas. E não se trata apenas de arquivos de alta resolução, embora isso possa ajudar. É possível fazer com que um arquivo decente de 320kbps tenha um som incrivelmente bom. Algumas dezenas de milhares de pessoas já perceberam a diferença que o DragonFly da AudioQuest faz para a audição em suas vidas no dia a dia, ouvindo músicas no YouTube e MP3s, além da capacidade do DragonFly com conteúdos de alta resolução apropriados.

Qual é sua percepção a respeito do mercado brasileiro?

Tenho pouca experiência e uma visão limitada, mas é uma visão muito boa, graças à Som Maior. Embora os produtos da AudioQuest venham sendo disponíveis no Brasil há várias décadas, minha única experiência com o mercado brasileiro tem sido com a Som Maior e, portanto, penso que o mercado é excepcionalmente bom e divertido para se fazer negócios!

Acredito que o relacionamento entre seres humanos e o seu desejo por entretenimento é universal, não sendo tão diferente no Brasil ou nos Estados Unidos ou em qualquer outro país. Existem, é claro, diferenças culturais em todo o mundo, mas na maior parte a vida é dividida entre atividades pelas quais você precisa ser pago (trabalho) e coisas que (se



Fotos Divulgação

necessário) você precisa pagar para fazer (recreação). Sou muito afortunado por ter passado e estar passando minha vida na segunda atividade, no mundo da recreação e do entretenimento, em coisas que as pessoas fazem por prazer.

As discussões sobre áudio e vídeo são frequentemente a respeito de questões técnicas e da fronteira das novas tecnologias que estão sendo aplicadas no entretenimento doméstico. Mas, na realidade, sempre se tratou, desde os toca-discos de corda e da primeira TV, foi da alegria (ou tristeza) irracional da música e da sua capacidade de nos parecer tão tremendamente importante, visto que qualquer coisa capaz de nos afetar, de forma tão profunda, deve ser profundamente importante.

A TV e o vídeo vieram mais tarde e, graças ao fato de satisfazerem à prioridade humana da visão, o tempo gasto assistindo-os parece de alguma forma ser mais racional do que a audição de música. Porém, é a parte do áudio de uma experiência audiovisual que traz quase todo o estímulo emocional. Um filme de terror sem o som não é nada aterrador. Já foi comprovado muitas vezes que quando a qualidade do áudio de uma experiência audiovisual é melhorada, a maioria das pessoas atribui erroneamente a melhoria à imagem. Hana, a minha extremamente importante sócia e companheira, reclamou muito quando troquei uma TV de plasma Pioneer Elite Kuro pela melhor TV de LED do mesmo tamanho que pude encontrar (não assisto TV e queria uma mais fina e mais leve que não precisasse de um gigantesco suporte de parede giratório e que não aquecesse e energizasse o ambiente). Ela achou ter odiado a imagem, mas quando coloquei uma boa caixa acústica sob a TV, de repente ela não era mais assim tão má (embora continuasse não sendo uma Kuro ou uma TV OLED).

Antes que eu continue falando sem parar com meus comentários filosóficos sobre a natureza da percepção humana e sobre o que nos entretém, vou apenas repetir que as pessoas desejam em toda parte a mesma coisa. Elas apenas não usam as mesmas palavras para descrevê-la.

**A Heathkit e a Dynakit foram empresas de áudio dos Estados Unidos que forneciam seus produtos já prontos ou sob a forma de kits para montagem pelos seus compradores. ¶*

ONDE TODO DETALHE IMPORTA,
NÓS TEMOS A SOLUÇÃO.



Projetos personalizados, atendimento com excelência para a necessidade de cada cliente nas áreas de áudio, vídeo e automação de equipamentos e iluminação. Entre em contato conosco e encontre a melhor solução para cada ambiente.



Versão
Brasileira

áudio, vídeo e automação

Rua Santa Maria do Itabira, 58 – Bairro Sion – Belo Horizonte

31.32275090 comercial@versaobrasileira.com.br

www.versaobrasileira.com.br

A arte de ouvir

Parte II



Nestor Natividade

Na primeira parte do artigo procurei alertar o leitor sobre fatos e tendências sociais já também em curso: o espaço doméstico disponível para se viver e o lazer em franco encolhimento nas megalópoles; o surgimento das habitações-cápsula; o agora quase universal pensamento entre os smartphone-addicts de que a função, a portabilidade e a virtualidade da mídia prevalecem sobre a qualidade de reprodução da mesma; e, por último, sobre a necessidade de se adaptar acusticamente o volume acústico disponível para a audição, com qualidade, de música reproduzida por meio de caixas acústicas. Isto posto, segue-se a continuação do texto, lembrando sempre que este se refere ao áudio em dois canais apenas, à estereofonia. Os sistemas de áudio multicanal e os home theaters requerem soluções bastante específicas raramente compatíveis com aquelas aqui sugeridas. Finalmente, mas não por último, saiba que soluções híbridas para um mesmo ambiente destinado a abrigar tanto home theater como a estereofonia resultam em volumes acústicos (vez em outra e sempre) com resultados acústicos de dúbios a horrorosos, inadequados para ambas as necessidades, isto sem falar nos esforços em tempo e capital inutilmente gastos. Em suma, desde o início opte para o volume acústico a solução mais adequada para a sua finalidade principal: música em estéreo ou então home theater/música multicanal.

SEGUNDA PARTE

A segunda solução, bem mais moderna e simples, consiste em se conformar passivamente o sinal apenas no perímetro mais próximo das caixas acústicas ou microfones. Para tal se usam gobos(06) especificamente desenhados para o tipo de transdutor que se escolheu, seja ele, no caso das caixas-acústicas, monopolar ou dipolar/bipolar. Neste segundo tipo de solução os custos envolvidos caem verticalmente, mesmo considerando-se eventuais e pontuais intervenções acústicas “clássicas” nas paredes, teto e piso do recinto. Essa solução é a habitual em instalações móveis e/ou provisórias e fartamente usada em estúdios de gravação.

A solução “clássica” usualmente também implica em se adotar regras empiricamente descobertas relativamente às proporções das três dimensões que enclausuram o volume acústico a ser tratado. Você provavelmente já deve ter ouvido falar na Proporção Áurea, descoberta pelos arquitetos gregos lá na Antiguidade(07). Não raro, em textos atuais escritos por mal informados lê-se sobre a “eliminação” das ressonâncias quando certas proporções são adotadas, um erro muito grosseiro. Todo e qualquer ambiente - total ou parcialmente enclausurado por superfícies planas, paralelas ou não, ou ainda, curvas - possui aquilo que em Acústica chamamos de Estacionárias (Eigtones ou Room Modal Resonances)(03) (08). As estacionárias existem dentro de todos os volumes e entre todas e quaisquer superfícies opostas. Podemos e devemos razoavelmente distribuí-las dentro do espectro de frequências audível e ainda atenuá-las em muito, mas suprimi-las totalmente jamais conseguiremos.

No século passado muitas práticas existiram entre duas situações diametralmente opostas na Acústica: ou se amortecia/absorvia totalmente a energia incidente em uma superfície ou se adotava uma reflexão total da mesma. Todavia, o termo “totalmente”, de per si, é novamente uma impossibilidade técnica. Sempre haverá um residual na reflexão ou absorção. A questão, portanto, se resume a quanto entre esses dois extremos é desejável e, para tal, criou-se uma unidade de absorção chamada Sabin(09), em homenagem ao próprio Wallace Clement Sabine.

No afã de se encontrar algo razoável entre os extremos acusticamente opostos, outras considerações de ordem prática, funcional e comercial intervêm. A Física precisava de dois tipos de câmaras para os seus estudos desses extremos: uma “totalmente” refletiva e outra, “totalmente” absorvente. A mais usada e conhecida é esta última, a Câmara Anecóica(10).

Estúdios de gravação, pelo seu lado, precisam de um

ambiente de tal maneira controlado e conformado que traga viabilidade às boas técnicas de gravação, mixagem e masterização. Para tal, muitas ideias foram aplicadas ao longo das décadas, desde o excesso de absorção (lá nos primórdios dessa indústria) até soluções híbridas bastante complexas combinando reflexão/difusão e absorção geometricamente controladas mediante cálculo.

Por fim, existem as considerações de ordem estética, técnica e de custo aplicáveis ao ambiente doméstico. Neste artigo, é o ambiente doméstico que nos interessa.

Como muitas vezes já afirmei em outros textos, “mata-se”(11) muito em Acústica entre nós. O “ténico”, o embusteiro, o leitor de catálogos, o “achista”, o “picareta”, na falta de um conhecimento minimamente sólido “mata” o ambiente acústico usando carpetes espessos, densas cortinas de veludo drapeadas, espumas “acústicas” e até mesmo tolices como placas de cortiça, de Isopor® e caixas de ovos feitas de polpa de papel. Em algumas dessas ditas soluções “ténicas”, além da estultice do seu uso, há que se considerar o risco à vida que sua presença implica. Entre elas, as principais são aquelas que utilizam o Boro para superar os testes de flamabilidade, principalmente as “espumas acústicas” e a polpa de celulose, jateada ou não. Ocorre que o Boro não é quimicamente estável ao longo do tempo e também evapora, comprometendo sua função primordial. Em cerca de dois a três anos a sua presença no material, quantitativa e qualitativamente, deixa de ser útil como finalidade específica de retardar/inibir a flamabilidade e, assim, o ambiente ao menor estímulo se incendeia em uma velocidade incrível. Isto vale não somente para revestimentos acústicos aplicáveis em paredes e tetos, mas também para os materiais largamente empregados na decoração de ambientes como carpetes, estofamentos, tecidos e até mesmo colchões. É de pascar que as corporações de bombeiros brasileiras ainda aprovelem em ambientes comerciais - com alto ou baixo fluxo de pessoas - materiais diversos que empreguem o Boro como retardante/inibidor à flamabilidade. Quantas mortes mais ainda serão necessárias para que se crie uma legislação nacional e abrangente sobre esse assunto?

Lá no passado, seja em um teatro, estúdio de gravação ou recinto doméstico, o mais usual era se aplicar técnicas elementares da Física Ótica (Ray Tracing) para se conformar os ambientes, fosse usando a reflexão ou a absorção. Até eu usei tal técnica simplista para calcular meu primeiro ambiente doméstico destinado a um audiófilo muito exigente: eu mesmo! Os filtros sintonizados e/ou de banda larga mais as superfícies com reflexão dirigida one-way ainda estão de pé até hoje, mais de duas décadas após. Ficou acusticamente excelente e é um showcase notável para um ambiente doméstico não simétrico quando usado com caixas acústicas monopolares. Todavia, seu custo, hoje, seria absolutamente proibitivo, seja pela mão de obra, seja pela quantidade de insumos, seja pelos custos destes. Hoje, com um computador, rapidamente (horas) posso virtualmente modelar e escutar (i.é., auralizar(12))_ um ambiente antes mesmo de comprar o primeiro prego a ser usado na obra. Dramático e simples assim. Não somente isto, mas algoritmos bastante complexos também

mimetizam de maneira mais real a complexidade da ação das estruturas destinadas à absorção e/ou reflexão, gerando uma economia substancial em tempo e dinheiro. Além disso, com a auralização, os erros são minimizados ao máximo. No final, pode-se ainda por cima escolher entre os vários projetos possíveis armazenados na memória da máquina, aquele cuja estética seja mais aceitável em termos de WAF (Wife Acceptance Factor) ou do bolso.

Ainda assim, o “basicão” já deve ter sido atendido bem antes do tratamento acústico ser projetado, isto é, a caixa acústica de per si precisa ser linear, ter baixa distorção harmônica (THD) e por intermodulação (IMD) e ainda, claro, oferecer uma direcionalidade conhecida e controlada ao longo do espectro. Caixas acústicas domésticas, cretinamente, nunca possuem informações técnicas sobre esse predicado tão importante no dia a dia do instalador profissional e culto.

Finalmente, mas não por último, a eletrônica hoje oferece soluções adaptativas que favoravelmente concorrem com o todo no sentido de baratear o custo da integração sala/ouvinte/amplificação/caixas acústicas. De quebra, a prévia conformação eletrônica do sinal oferece um nível estelar à qualidade de reprodução e, não somente, mas importantíssimo, traz a portabilidade das intervenções acústicas, isto é, se as caixas acústicas trocarem de ambiente, as soluções que lhes são próprias seguem com elas! Tais soluções adaptativas, muitas vezes proprietárias, são de rigueur no áudio pro.

No final, todas as soluções acima descritas, inteligentemente integradas, certamente oferecem a perfeição na reprodução, certo? Claro que não, a perfeição não existe! Mesmo quando o ambiente é totalmente suprimido - que é exatamente o caso quando se trocam as caixas acústicas por um fone de ouvido, imperfeições existirão. De fato, não é a perfeição, mas chega-se bem próximo disso.

Já há quase uma década uso caixas acústicas controladas por DSPs. Hodiernamente, caixas acústicas não controladas por DSPs são inconcebíveis se seu uso se der em um estúdio de gravação/mixagem/masterização ou na amplificação do sinal para grandes eventos (PAs). Existem desde soluções integradas DAC/preamp/DSP/amp/caixas acústicas até os habituais hibridismos onde o usuário monta um Frankenstein ao sabor das suas preferências, dos custos ou ainda de específicas necessidades pessoais.

Também se pode variar o grau de complexidade do tratamento do sinal feito pelo DSP e até mesmo existem aqueles outros que simplesmente eliminam os DACs e o próprio amplificador na cadeia de processamento do sinal, isto é, o sinal é processado e amplificado totalmente dentro do domínio digital, sendo convertido para o mundo analógico imediatamente antes de ser entregue a cada um dos alto-falantes da caixa acústica. Presentemente esse tipo de integração é o estado da arte comercialmente possível, é o futuro mais desejável até que alto-falantes (drivers) digitais se tornem uma realidade comercial.

Mas há outros motivos que presentemente forçam o mercado em direção a esse tipo de integração de produto. Por mais incrível que possa parecer, DSPs que prescindem

de DACs e de amplificadores são muito mais baratos de serem integrados em escala (em termos de um produto comercial all-in-one completamente integrado) do que criar um Frankenstein da vida (DSP/DAC/preamp/amp. multivias/caixas acústicas), por mais simples que sejam os recursos deste último! Não somente o custo é menor, mas o próprio equipamento integrado também é mais simples, contém muito menos partes e componentes, é fisicamente menor e ... ufa! ... muito mais leve e barato!

Por último, mais uma vez lembro que não existe almoço grátis com os Frankensteins. Não custa lembrar que montá-los por conta própria implica não somente em posteriormente ter-se adquirido (em termos de tempo e dinheiro) sólidos conhecimentos não somente no desenho acústico de recintos, mas também, hands-on, no projeto/construção/acerto de caixas acústicas. Tudo isto custa, e muito. Não raro o mais adequado é alugar-se um técnico capacitado no ofício. Sabedores disso, os fabricantes de caixas acústicas profissionais oferecem graus variados de automatismos na auto regulação de seus sistemas integrados. Todavia, como é para frente que se anda, a integração de DSPs “automatizados” com caixas acústicas no ambiente doméstico começou justamente no mercado de receivers multicanais para AV. Muito mais cedo do que um pouco mais tarde, esse assunto terminará por se tornar um tópico quente como motivador de vendas no mercado de componentes. Quem viver, verá!

Na sequência do artigo (3ª. Parte) uma série de imagens e seus comentários pertinentes mostrará os resultados finais obtidos com um experimento bastante simples e acessível, onde paulatinamente se incrementou a complexidade do tratamento acústico “clássico” de um recinto com a adoção de um processamento digital bem simples do sinal (até 200Hz apenas) feito por um software gratuito hospedado em um notebook comum. O sinal, já convertido para o domínio analógico, chega até os drivers de graves e agudos da caixa acústica por meio de um amplificador comum e do próprio divisor de frequências passivo de dois canais da caixa-acústica. Num todo, você poderá reproduzir o mesmo set-up em sua casa e conferir os resultados daquilo que conseguir(13). Na sequência destas, um mergulho no assunto DSPs. Até lá!

(06) [Wikipedia]Gobos
<<http://tinyurl.com/1xe6dbb>>

(07) Proporção Áurea
É preciso muito cuidado com esse conceito empírico. Muito já se escreveu sobre ele, transformando-o em uma panaceia. Antes de tudo e mais nada é preciso lembrar que um living room, uma sala de música, é um local onde se reproduz a música previamente gravada em outro. Nada mais que isto. Cabe à sala de música simplesmente não atrapalhar/distorcer os envelopes acústico e tonal previamente registrados. O bom desenho acústico do volume enclausurado (a sala e o posicionamento das caixas acústicas e ouvinte(s) deve cumprir unicamente esta missão. Se as dimensões e proporções do ambiente não fogem em demasia daquelas ideais, existe uma plethora de recursos que contornam alguns problemas de projeto, desde que um minimum minimorum das condições acústicas ambientes tenha sido previamente atendido. O presente artigo trata justamente (e modestamente) de orientar no uso dessa tal plethora de recursos. Citarei aqui dois exemplos extremos sobre os enganos envolvendo o conceito “proporções ideais”, ambos testemunhados por mim em pessoa. No primeiro caso a minúscula sala de audição ficava na Zona Norte da capital paulista. Nesta sala não simétrica as caixas acústicas e a poltrona estavam instaladas na porção do ambiente cuja forma e proporções

lembravam um túnel (?!?!). Pois foi justamente nesse ambiente que um reviewer profissional (?!?) emitiu inúmeros pareceres sobre a qualidade da transdução de caixas acústicas domésticas. A sala em questão não possuía tratamento acústico qualificado qualquer, como ali também não se usava qualquer correção adicional no sinal que minimizasse as aberrações acústicas do ambiente. Mesmo assim, o tal reviewer se deu ao direito de cunhar o jargão “palco sonoro”, estupor que ganhou o mercado e está até mesmo na boca de vendedores formadores de opinião!! Notável e peculiar!! No segundo caso, desta vez ocorrido em Floripa, um bom e dileto amigo de décadas durante anos se orgulhou da sua enorme sala de música dimensionalmente correta, construída no grande quintal da sua residência, cujas paredes tinham sido construídas na forma de um sanduíche feito de grossas madeiras e areia bem fina. De fato, os “graves” ali reproduzidos por quatro “brutamontes” montados segundo a carga acústica baffle infinito instalados nos cantos dianteiros do grande ambiente eram tão bons e naturais quanto o melhor que já ouvira ou produzira com meus próprios projetos. É a sala sand-filled, dizia ele com justo orgulho e um sorriso luminoso!! Os “graves” eram realmente naturais e nada (leia-se, estacionárias/eigentes do ambiente) parecia alterá-los. Sand-filled, proporção ideal das dimensões??? Nanainanadilha disso! A causa real do comportamento acústico da sala se devia a uma simples condição de custos durante a construção do ambiente: o teto da sala, por economia, em vez de uma pesada e inflexível laje de concreto armado com lastro em areia (como manda o ‘figurino’), havia sido construído usando-se um material tão pouco denso e leve que era acusticamente transparente aos graves! Havia a proteção das intempéries mas, acusticamente falando, embora ainda exibindo um comportamento diafragmático, era como se o teto não existisse, o que alterava profundamente a ação e distribuição das estacionárias restantes e, naquele caso específico, fortuitamente beneficiou o meu amigo! Sand-filled...bem, jamais lhe contei a verdade sobre a razão daqueles graves maravilhosos e naturais. Na idade dele, eu não seria seu amigo do peito se o fizesse.
<<http://tinyurl.com/33ykuu>>

(08) [Wikipedia]Eigentes
Um modo normal de um sistema oscilante é um padrão de movimento no qual as partes do sistema se movem sinusoidalmente com a mesma frequência e com uma relação fixa de fase. O movimento descrito pelos modos normais é chamado de Ressonância. As frequências dos modos normais de um sistema são conhecidas como suas frequências naturais ou frequências de ressonância. Um objeto físico, como um edifício, ponte ou uma única molécula, tem um conjunto de modos normais que depende da sua estrutura, materiais e condições delimitantes. No que se refere à música, os modos normais dos instrumentos que produzem vibrações (cordas, tubos de ar, tambores, etc.), são chamados de “harmônicos” ou “sobretons”.
Nota: Tradução da redação da revista.
<<http://tinyurl.com/mf68gds>>

(09) [Wikipedia]Sabin (unit)
<<http://tinyurl.com/kfrokcm>>

(10) [Wikipedia] Câmara anecóica
<<http://tinyurl.com/k5f42ge>>

(11) “Matar” aqui significa aplicar doses desproporcionais de absorção sonora às superfícies, tornando o ambiente acusticamente irreal, claustrofóbico. Mesmo “matando-se” levemente um local, subjetivamente, paulatinamente ao longo do tempo ele se torna insuportavelmente irreal. Todavia, reconheço que muitas vezes o ambiente original a ser tratado é de tal maneira esdrúxulo, absurdo, que “matá-lo” é a única saída que resta, se não houver possibilidade de substituí-lo. Lastimável quando isso acontece!

(12) Auralização
<<http://tinyurl.com/mfmltbk>>

(13) O texto deste link pertence aos arquivos de um fórum de discussão não pública e em língua inglesa. Resumindo, você precisa registrar-se. Aguarde ser aceito pelo Moderador do fórum e, tudo lhe sendo favorável, acesse o link abaixo disponibilizado.

Nota: Propositadamente, não condensei os links. Neste caso apenas, acredito que sua pesquisa e digitação será mais fácil desta maneira. Outrossim, ao comentar uma informação (em mídia digital ou não), lembre-se que é eticamente correto sempre citar clara e completamente todos os dados da fonte original da informação que descobriu, bem como a quem pertence o referido trabalho autoral. Boa sorte!

Oct 28, 2013[Tannoy] Results of my room treatment, by Richard Barclay [3.54MB 09pp.1.pdf]
<<http://groups.yahoo.com/>>
<<http://groups.yahoo.com/neo/groups/tannoy>> [Registration]
<<http://groups.yahoo.com/neo/groups/tannoy/files>> [archived files section]
<<http://groups.yahoo.com/neo/groups/tannoy/files/Results%20of%20my%20Room%20Treatment>>



Sala Metropolitan - Espaço Som Maior

Transforme a sua sala em um palco de atrações para toda a família.

O amor pela música e a paixão pelo cinema nos motivam a oferecer o melhor para fazer de sua sala um grande cenário, proporcionando a magia do entretenimento para você, sua família e seus amigos. A AM Solutions (by Arnaldo Meniuk) presta consultoria e executa projetos exclusivos, equipados com uma completa linha de aparelhos e acessórios das mais conceituadas marcas mundiais em equipamentos de áudio e vídeo high end, totalmente controlados por modernos sistemas de automação.

Upgrades: Podemos avaliar seu equipamento atual e aceitá-lo como parte de pagamento. Entre em contato conosco e saiba mais informações.

Atendimento exclusivo. Agende sua visita.



www.amsolutions.arq.br

Fone: (21) 2507-5885 | 7528-6994

Rua Uruguiana, 10 - sala 1.909 - Centro - Rio de Janeiro - RJ



By Arnaldo Meniuk

Discos de Vinil, Discos Ópticos e Downloads Qual Dessas Mídias Proporciona Maior Fidelidade?

Por João Carlos Jansen Wambier - Parte I



Antes da invenção por Thomas Alva Edison do primeiro fonógrafo, em 1877, e do gramofone de Emil Berliner, em 1887, uma apresentação musical era ouvida uma única vez e apenas pelas poucas pessoas presentes em uma determinada sala ou auditório, o que equivale a dizer que ela não se repetia exatamente da mesma forma ao ser apresentada novamente. É evidente que isso representava também uma enorme limitação para uma maior difusão da música em todas as suas formas de expressão, deixando de fora um público imenso que adoraria poder desfrutá-la. Apesar da precariedade do som reproduzido pelos fonógrafos e gramofones, as pessoas que os ouviam ficavam simplesmente maravilhadas, mesmo percebendo que esses aparelhos estavam longe de recriar com alguma fidelidade o som das vozes e instrumentos musicais, o que de qualquer forma nem esperavam que fosse possível. Isso quanto ao público ouvinte, pois a partir daí o sonho dos técnicos e engenheiros de áudio e de acústica tem sido o de alcançar níveis cada vez mais elevados de fidelidade na reprodução de música no ambiente doméstico. Nesta edição da revista estamos apresentando um pequeno histórico sobre como esse sonho vem sendo buscado. Na próxima edição, estaremos examinando o quanto cada uma das mídias atualmente disponíveis é capaz de oferecer para que esse ideal se transforme em realidade.

DISCOS - DOS DE 78 ROTAÇÕES POR MINUTO AOS DE VINIL

Um dos primeiros avanços nesse sentido foi a introdução dos discos de 78 rotações por minutos. Até o surgimento dos primeiros discos de vinil (mono), em 1948, e mesmo por um bom tempo após isso, os discos de 78 rotações no formato de 10 polegadas foram um importante meio de comercialização da música popular para o mercado doméstico. Foi através deles que cantores como Bing Crosby e Frank Sinatra chegaram às paradas de sucesso americanas e de outros países, como o Brasil. Descendentes diretos dos primeiros discos de Emil Berliner de 1898, os discos de 78 rotações de dez polegadas eram fabricados com um material chamado goma de laca e reproduzidos através de toca-discos equipados com cápsulas de cerâmica e agulhas de aço. Seu tempo de reprodução era de cerca de três minutos por lado, o que acabou praticamente ditando um padrão em termos de tempo de duração das músicas populares, coisa que persiste até nossos dias. Apesar de apresentarem um forte chiado de fundo, mesmo quando ainda novos, ruído este que se agravava após repetidas reproduções, esses discos de 78 rotações possuíam, no entanto, uma qualidade de áudio significativamente melhor que a dos primeiros discos fonográficos. Porém, além do tempo reduzido de reprodução, que tornava necessário o uso de vários discos para comportar um concerto ou uma sinfonia, por exemplo, eles eram muito frágeis, quebrando-se facilmente caso caíssem ao chão ou sofressem algum outro tipo de impacto. O problema do reduzido tempo de reprodução foi de alguma forma resolvido ao final da década de 20, quando começaram a ser lançados os primeiros toca-discos automáticos (record changers),

capazes de tocar uma sequência de vários discos que ficavam empilhados no longo eixo central do prato. Ao final de um disco, o braço se erguia, deslocava-se para a direita, aguardava a queda do próximo disco, deslocava-se para a esquerda e descia para iniciar a sua reprodução. Esse tipo de toca-discos sobreviveu após a “aposentadoria” dos discos de 78 rotações e passou a também ser utilizado com os discos de vinil.



Toca-discos automático modelo 210 da Garrard. O braço superior, junto ao eixo central, tinha por função estabilizar os discos ali empilhados, enquanto que o outro braço menor, à sua direita, se deslocava para a esquerda para “medir” o tamanho dos discos empilhados, que podiam ser de 7”, 10” ou 12”.

A partir da introdução dos primeiros discos de vinil mono (1948) e estéreo (1958), os amantes da música passaram a contar com uma mídia capaz de proporcionar uma reprodução musical com uma fidelidade muito superior a tudo que era conhecido anteriormente. Além da maior fidelidade, os discos de vinil trouxeram outras vantagens em relação aos discos de 78 rotações, como uma significativa redução no nível de ruído de fundo (hiss), maior tempo de reprodução, menor desgaste produzido pela agulha, agora feita de safira ou de diamante, e maior resistência a impactos. Esse progresso foi acompanhado por grandes aperfeiçoamentos nos toca-discos, cápsulas e agulhas fonocaptoras, pré-amplificadores, amplificadores e caixas acústicas, bem como nos equipamentos de gravação, microfones e consoles de mixagem. O resultado final de todos esses aperfeiçoamentos passou a ser chamado de alta fidelidade ou hi-fi, abreviatura de high fidelity. Embora esse termo tenha sido cunhado já nos anos 1920, foi a partir da década de 50 que ganhou popularidade, tendo adquirido um significado ainda maior com a introdução, em 1958, dos discos com gravação em estéreo e das cápsulas, prés e amplificadores compatíveis. Mesmo pessoas sem o perfil de audiófilo ficaram simplesmente maravilhadas com a novidade. Lembro ainda muito bem da minha primeira experiência de audição de música em estéreo, em uma loja em Curitiba. Foi através de uma imponente “radiola” da RCA Victor, composta de três móveis de cerejeira suportados pelos então chamados pés “palito”. No móvel central ficavam o rádio, toca-discos e sistema de alto-falantes, ladeado por duas substanciais caixas acústicas. Fiquei simplesmente encantado ao ouvir Capricho Italiano em uma gravação Living Stereo da própria RCA, com Arthur Fiedler e a Boston Pops Orchestra. Foi uma experiência totalmente nova para

mim. Vale ressaltar que naquela época muitas gravações em estéreo usavam e abusavam do chamado “efeito ping-pong”, com determinadas vozes e instrumentos gravados somente no canal direito ou no canal esquerdo, para demonstrar da forma mais evidente possível a separação que podia ser conseguida com o som estéreo.

É claro que a maior ou menor fidelidade de reprodução de um disco de vinil depende, e muito, da qualidade de cada um dos componentes do toca-discos utilizado: base, motor e sistema de tração, elemento de suporte da cápsula (braço ou, nos sistemas tangenciais, trilho), cápsula e agulha. No decorrer desse meio século desde o lançamento dos primeiros discos de vinil até os dias de hoje esses componentes passaram por inúmeras inovações destinadas, entre outras coisas, a reduzir ruídos de fundo causados pelas vibrações do motor ou provenientes do meio ambiente; eliminar as variações de velocidade (wow e flutter) na rotação do prato; diminuir a massa do braço e o nível de pressão da agulha sobre o disco, reduzindo assim o desgaste tanto de um como do outro; otimizar o ângulo de trilhagem na vertical (VTA) e do referente ao tangenciamento da agulha em relação ao sulco do disco (overhang); e reduzir a fricção nos planos horizontal e vertical para minimizar as distorções. O sistema de tração, inicialmente feito através de uma polia em contato direto com o prato, foi substituído pelos sistemas de correia (belt-drive) e de tração direta (direct-drive) com sistemas eletrônicos de estabilização da velocidade. Os braços de ferro deram

percorrem com maior profundidade e regularidade o sulco dos discos, desde o início até o final de cada lado, aproximando-se mais do comportamento da agulha de corte utilizada na gravação.

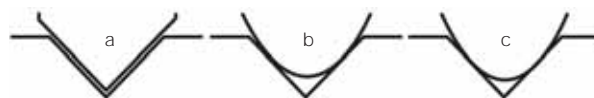


Braço tangencial para uso com toca-discos da Clearaudio

Como resultado de toda essa evolução os discos de vinil apresentam, quando reproduzidos por um toca-discos de alta qualidade conectado a um sistema de áudio high-end, uma excepcional qualidade de áudio, a ponto de serem considerados por muitos audiófilos e analistas de revistas e sites especializados como superiores em fidelidade aos discos ópticos (CDs, SACDs) e aos downloads de alta resolução. Vistos praticamente como peças de museu após a introdução dos CDs, ocorrida a partir de 1983, os discos de vinil têm apresentado nos últimos anos uma surpreendente recuperação de mercado, com vários lançamentos e reedições.



Braço retilíneo modelo Universal da Clearaudio



(a) Agulha de corte; (b) agulha cônica; (c) agulha elíptica

lugar aos de alumínio ou feitos de materiais de menor massa e elevada rigidez, como o carbono, o magnésio e o grafite, e nos formatos de “S”, “J” ou retilíneos. Em alguns modelos de toca-discos os braços foram substituídos pelo sistema de trilhagem linear (linear tracking), com o suporte da cápsula posicionado sobre o prato e se deslocando em linha reta sobre o disco através de um “trilho”, de forma a manter o correto tangenciamento da agulha. As cápsulas, que no início eram dos tipos de cristal ou de cerâmica, foram seguidas das magnéticas utilizando ímãs móveis (moving magnet ou MM) ou bobinas móveis (moving coil ou MC). O material e o formato das agulhas também evoluíram, passando das feitas de safira para as de diamante, e das com pontas esféricas para outros formatos, como as elípticas e as Shibata (ver ilustração ao lado). Devido à sua geometria especial, essas duas últimas

DISCOS ÓPTICOS – CD, SACD, DVD-ÁUDIO

Som perfeito, para sempre. Este foi o slogan usado no lançamento, no final de 1982/início de 1983, dos discos CD pela Sony e pela Philips, coinventoras desse formato de áudio. Sem dúvida alguma, as promessas de eliminação das variações de velocidade, maior faixa dinâmica¹ (acima de 90dB), baixos níveis de ruído e de distorções e ausência de desgaste com repetidas reproduções foram imediatamente atendidas, além da inclusão de recursos não oferecidos pelos toca-discos de vinil, como programação de faixas, reprodução aleatória e com repetição e controle remoto. Esses recursos, mais o fato de que nada entrava em contato com o disco para sua reprodução, apenas um feixe de laser, simplesmente encantaram a todos. O mesmo não se pode dizer a respeito da perfeição sonora, pois apesar de agradarem ao grande público os primeiros discos CD foram muito mal recebidos pelos analistas e audiófilos mais exigentes, que os acusaram de apresentar um som



desagradável, áspero e sem profundidade de palco sonoro.

Desde o lançamento dos primeiros discos e players, esses analistas e audiófilos atribuíram aquilo que consideravam como a má qualidade dos CDs em comparação com os discos de vinil principalmente à escolha de 44,1 kHz como a taxa de amostragem² para o novo formato. Essa taxa de amostragem foi escolhida em função do nível máximo de frequência que o ouvido humano em ótimas condições é capaz de perceber (20 kHz) e da teoria de Nyquist, segundo a qual uma perfeita reconstrução de um sinal de áudio é possível quando a sua taxa de amostragem é de pelo menos o dobro da frequência do sinal que se deseja gravar e reproduzir. Assim, a taxa de amostragem de 44,1 kHz corresponde a um nível máximo de frequência de 22 kHz, superior, portanto, à capacidade de percepção dos nossos ouvidos. Tendo em vista que uma gravação analógica pode teoricamente chegar até os 50 kHz, o que na prática nem sempre acontece, isso foi apontado como um dos motivos pelos quais os discos de vinil ainda seriam superiores aos CDs em qualidade de áudio. O raciocínio seria de que, embora inaudíveis, os sons harmônicos acima dos 20 kHz exerceriam influência sobre a forma como ouvimos a faixa até os 20 kHz.

A verdade é que desde o lançamento do CD até a atualidade os equipamentos de gravação e reprodução

dos discos tiveram uma grande evolução em termos de qualidade. Na gravação, os conversores de áudio analógico para digital (A/D), antes operando com taxa de amostragem e profundidade de bits de apenas 44,1 kHz/16 bits, passaram a utilizar taxas de 48, 96 e 192 kHz com 20 e 24 bits, o mesmo acontecendo com os conversores de digital para analógico (D/A) dos CD players, como os da Meridian, Rotel e NAD, e dos conversores externos, como o recentemente lançado Director da Meridian. No caso específico da Meridian, seguramente uma das maiores autoridades mundiais em áudio digital, seus produtos vêm utilizando uma nova tecnologia chamada de filtro apodizante, capaz não só de eliminar um efeito chamado "ringing" ou "pré-eco" na reprodução de CDs mas também quando presente na própria gravação. Tudo isso tem feito com que os CDs bem gravados e produzidos tenham alcançado um novo status, sendo hoje um meio de reprodução genuinamente hi-fi e plenamente apreciados até mesmo pelos audiófilos mais exigentes. Infelizmente, porém, a maioria absoluta dos CDs de música popular (com exceção dos de jazz) vem sendo já há algum tempo muito mal produzida, tendo a sua faixa dinâmica, por exemplo, fortemente comprimida, chegando em alguns casos a apenas 10dB, quando seu potencial é de 96dB. Isso é feito como forma de permitir que ao serem reproduzidos em ambientes com um nível


elevado de ruídos, como no interior de um veículo, e/ou com fones de ouvido, as passagens mais baixas da música possam ser bem ouvidas e as mais altas não fiquem em um nível excessivamente elevado. Na música clássica, felizmente, os cuidados com sua gravação e produção vem sendo normalmente mantidos num nível adequado, o que resulta em uma excelente fidelidade.

No entanto, apesar de todos os progressos alcançados na gravação e reprodução de CDs, não eram poucos os engenheiros de áudio e os audiófilos que ainda não estavam satisfeitos com sua qualidade de áudio quando comparada com a dos LPs. Partindo do pressuposto de que isso se devia à já citada limitação da sua taxa de amostragem e profundidade de bits, foram desenvolvidos dois novos sistemas de gravação e reprodução de áudio digital: o Super Audio CD (SACD) e o DVD-Áudio, lançados no final de 1999 e início de 2000, respectivamente, e incompatíveis entre si, o que acabou gerando mais uma das chamadas guerras de formatos que vêm caracterizando a indústria eletrônica. O SACD foi lançado conjuntamente pela Sony e pela Philips para eventualmente substituir o CD, oferecendo melhor som, maior tempo de reprodução e áudio multicanal 5.1. Seu diferencial em relação ao formato rival – o DVD-Áudio – é que sua gravação é no formato DSD (Direct Stream Digital) com 1 bit e taxa de amostragem de 2.8224 MHz, enquanto que o DVD-Áudio utiliza o PCM com taxas de amostragem de 96 ou 192 kHz e 24 bits em estéreo. Para comportar conteúdos multicanais (5.1) de 88,2 a 192 kHz, a Meridian, através de Bob Stuart, responsável pela área tecnológica da empresa, desenvolveu o padrão MLP (Meridian Lossless packing) de compactação de áudio sem perdas, que é também utilizado como base matemática do sistema Dolby TrueHD presente nos atuais discos Blu-ray. Os melhores discos lançados nos dois novos formatos foram muito bem recebidos pelos audiófilos e pela crítica especializada de áudio, por considerarem que a promessa de que eles proporcionariam uma qualidade de áudio perceptivelmente melhor do que a dos CDs havia sido efetivamente cumprida, com a

vantagem de alguns deles oferecerem som multicanal e até conteúdo em vídeo. No entanto, para a total decepção desse público o SACD e o DVD-Áudio simplesmente não “emplacaram”. Isso se deve a várias razões, mas em minha opinião as principais foram: a) o desinteresse do marketing das grandes gravadoras em promover de verdade os dois formatos através do lançamento de uma grande quantidade de títulos novos, com artistas consagrados e com uma qualidade de gravação realmente diferenciada. O que se viu foi o relançamento de vários títulos, alguns deles com um áudio até sofrível; b) o áudio multicanal não teve o atrativo esperado, talvez pela necessidade do uso de uma caixa central e duas de surround para os conteúdos multicanais e, finalmente, c) a impossibilidade de se notar a superioridade dos novos discos em relação ao CD com a utilização de uma eletrônica e caixas acústicas de nível “mid-fi”. Pessoalmente, minha aposta no SACD e no DVD-Áudio foi mais em função daquilo que na época supus que fosse seu principal atrativo - o áudio multicanal - seguindo o raciocínio de que muitos consumidores já possuíam sistemas 5.1 em suas casas e de que era algo fácil de ser demonstrado mesmo para não audiófilos. Tanto que, como membro do Comitê de Novos Produtos da Gradiente, sugeri, em meados do ano 2000, a inclusão na linha de produtos da empresa de um player “universal”, compatível com ambos os formatos. Essa ideia, apesar de ter sido aprovada com entusiasmo pelo presidente da empresa, Eugênio E. Staub, acabou naufragando. Motivo: a engenharia da Gradiente não conseguiu encontrar uma solução viável em termos do custo meta pretendido para o produto. De qualquer modo, o fato é que o DVD-Áudio simplesmente desapareceu do mapa, enquanto que o SACD ainda sobrevive graças à certa quantidade de novos lançamentos através de selos independentes das grandes gravadoras. Isso quanto à música clássica, pois os lançamentos em música pop e jazz são bastante raros. Atualmente, uma nova tentativa de comercializar conteúdos de áudio de alta resolução, inclusive com som multicanal, está sendo feita por alguns selos independentes através de discos Blu-ray contendo somente áudio. O fato é que nem os analistas de áudio, nem os audiófilos, estão acreditando no sucesso e no futuro dessa nova iniciativa, vendo os downloads e streamings como a tendência que acabará por prevalecer sobre todos os tipos de discos ópticos. Isso irá representar o domínio da praticidade dos downloads sobre a riqueza de informações contidas em alguns discos ópticos, como detalhes sobre a gravação, autores das músicas, letras, músicos participantes, arranjadores, etc.

Na próxima edição da revista, falaremos sobre os downloads de alta resolução.

1 – Faixa dinâmica: A diferença em nível relativo, medida em dB, entre o sinal de nível mais baixo e o de nível mais elevado contido, por exemplo, em uma gravação. Em linguagem musical, isso corresponderia ao pianíssimo e ao fortíssimo. A faixa dinâmica de uma orquestra sinfônica, por exemplo, é de 90dB.

2 – Taxa de amostragem: O número de amostras por segundo em que o sinal de áudio analógico de entrada é dividido para sua conversão em sinal digital. No caso dos CDs, por exemplo, o sinal de entrada analógico é dividido em 44.100 amostras por segundo. 





Bem-vindo ao espetáculo High End

Venha conhecer o **Espaço Nautilus**, uma sala única em Goiânia. Ela possui 35 m² e é equipada com a mais alta tecnologia de som. Sincronia, perfeição e alta tecnologia a serviço da emoção e prazer. O espaço possui caixas acústicas **B&W Nautilus Original** e projeto de acústica assinado pela **Walter Storyk Design Group**.

www.miamihomevideo.com
Fone: 62 3255.9474
Av. T63 N° 933 - Goiânia-GO

MIAMI
HOME VIDEO

ALL THAT JAZZ

A história do jazz se mistura à história da escravidão dos negros africanos no início dos anos 1800 nos Estados Unidos. Cerca de meio milhão deles foram escravizados e levados principalmente aos estados do Sul.

Povo reconhecidamente de forte cultura na dança e na música, os africanos dançavam e cantavam como forma de lembrar o que haviam deixado na terra mãe, para manter a saúde e, é claro, como forma de esquecer e satirizar a forma como eram tratados pelos seus senhores.

Enquanto no Brasil toda essa cultura se transformou na capoeira, nos Estados Unidos, com a união do blues e das músicas cantadas nas igrejas, nascia o jazz. E assim como é base do jazz, com a sua reconhecida forma de cantar a dor do coração partido, o blues também seria um dos fundamentos de outros gêneros musicais, como o rhythm and blues, o rock and roll e a música country.

Em 1840 já eram comuns as festas na Praça Congo, em Nova Orleans, local determinado por um conselho como o lugar oficial para a música e a dança dos escravos. Com a intenção de manter o bom relacionamento com os escravos, a maioria dos chefes de plantações permitia o canto e até a prática de alguns instrumentos.

Entre 1890 e 1910 foram abertos salões para bailes públicos. Com isso, o blues-ragtime improvisado caiu no gosto do público, e daí nasceram suas variações. Dentre essas variações estava o jazz, presente nas apresentações do trompetista Buddy Bolden, que gostava de investir nos improvisos.

Foi a partir de 1890 que Buddy e sua banda fizeram apresentações com direito a danças afro-crioulas e músicas com traços de blues e pitadas de swing. Seguindo a mesma tendência, o pianista Jelly Roll Morton foi um dos primeiros a admitir que o jazz poderia ser aplicado a qualquer canção, e compôs e publicou, em 1915, o "Jelly Roll Blues", fazendo com que outros artistas da cidade conhecessem o seu trabalho.







Na mesma época surgia Joe “King” Oliver. Ele foi um dos mentores de Louis Armstrong e tocava com o trombonista Kid Ory. Além disso, Joe era fã de Buddy Bolden.

Com a instituição da Lei Seca americana, entre 1920 e 1933, locais como os speakeasies (locais de entretenimento com salas onde eram vendidas bebidas alcoólicas ilegalmente) surgiram como alternativa. Essas casas foram forte divulgadoras do jazz, o que deu ao gênero a fama de imoral.

Em 1922, finalmente, os criadores do jazz ganham certo reconhecimento quando a Original Creole Jazz Band é convidada para gravar as suas músicas. Era a primeira vez que uma banda de jazz formada por músicos negros gravava suas canções.

Daí o jazz se espalhou pelos Estados Unidos, e logo Chicago passou a ser o seu novo centro, após o fechamento de clubes de jazz em Nova Orleans. E as gravações feitas na cidade do vento começaram a se espalhar.

Veja a seguir alguns álbuns recomendados de jazz para quem quiser conhecer e montar uma coleção mínima deste gênero importantíssimo na história da música.



É NECESSÁRIO UM TRABALHO INTENSO PARA SE CHEGAR A UM RESULTADO PERFEITO.



A Didjurgeit aprimora seus padrões de qualidade e durabilidade para executar projetos com excelência. Com experiência e qualidade na fabricação de móveis de alto padrão para home theaters e adegas, que passam de geração em geração, executa projetos de alto padrão. Adegas com exclusivo sistema de refrigeração e umidificação de vinhos e ambientes para home theaters com tratamento acústico específico para som estéreo, visando sempre a máxima qualidade do som.

projetos@didjurgeit.com.br | (47) 3041-0695 | Blumenau-SC

marcenaria
Didjurgeit[®]
Desde 1937

Álbuns Importantes do Jazz



Louis Armstrong

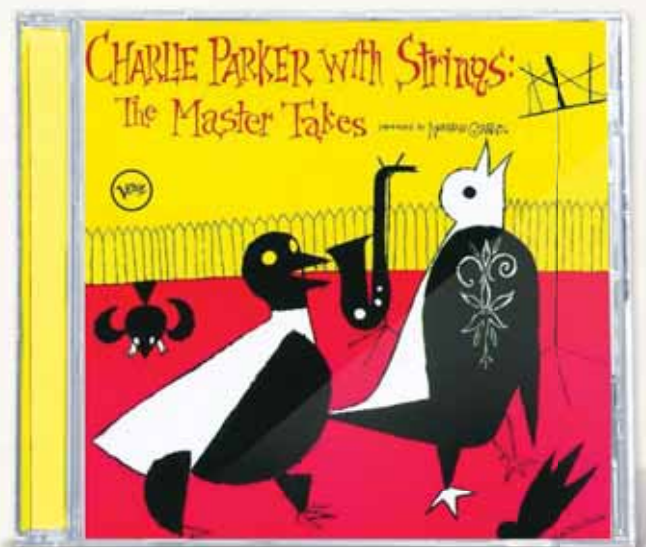
Complete RCA Victor Recordings (RCA)

Compilação contendo algumas das músicas mais conhecidas de Louis Armstrong. Indispensável para qualquer interessado na origem do jazz. Os improvisos melódicos do trompete de Louis e seu "scat singing" são considerados a raiz a partir do qual esse gênero musical se desenvolveu.

Charlie Parker with Strings

The Master Takes

A música de Charlie Parker, um dos criadores do bebop, foi caracterizada, em parte, por levar o estilo swing aos extremos. E assim, Parker, ao gravar com uma orquestra de cordas, talvez mais palatável para um público popular, não perdeu nada em qualidade.



Lee Konitz

Subconscious-Lee (Original Jazz Classics)

Lee Konitz deixou sua marca no mundo do jazz no final dos anos 1940 e 1950, desenvolvendo um estilo de improvisação que contrastava com o do pai do bebop, o saxofonista Charlie Parker. Com sua experimentação rítmica, Lee Konitz ainda serve de modelo para os músicos de hoje.



Art Blakey Quintet

A Night at Birdland (Blue Note)

A música de Art Blakey é conhecida por seu passo sincopado e melodias profundamente expressivas. Essa gravação ao vivo, com a lenda do trompete, Clifford Brown, é um exemplo cheio de energia das primeiras incursões de Art Blakey no estilo de condução que viria a ser conhecido como hard-bop.

John Coltrane

Blue Train (Blue Note)

John Coltrane morreu aos 41 anos, mas sua curta carreira foi marcada pela constante evolução, passando de jazz tradicional para suítes inteiramente improvisadas. A música de Blue Train marca o auge de sua fase hard-bop, antes dele seguir em direção a estilos de improvisação mais experimentais. O disco contém ainda músicas que acabaram entrando para o repertório popular normal, ou standard, incluindo "Moment's Notice", "Lazy Bird," e "Blue Train".



Charles Mingus

Mingus Ah Um (Columbia)

Cada uma das faixas deste álbum do baixista Charles Mingus tem um caráter específico, que vai desde o frenético ao sombrio. Cada membro da banda toca a sua parte de tal forma que soa como improvisação.



Miles Davis

Kind of Blue (Columbia)

No encarte do álbum 'Kind of Blue', o pianista Bill Evans (que toca piano no álbum) compara a música a uma forma de arte visual japonesa espontânea e disciplinada. Cada membro do grupo vem de uma diferente formação musical, e ainda assim o resultado é um trabalho unificado de beleza que deve estar na coleção de todos os ouvintes ou músicos de jazz. ♪

PELA FRENTE, NOVOS CAMINHOS.
PELO RETROVISOR, LINDAS HISTÓRIAS.

Ousadia é reinventar novos caminhos.
Direção certa é olhar para trás e perceber
que fez parte de grandes histórias. É por motivos
assim que a rede de concessionárias Eurobike
foi eleita como empresa de Visão de Futuro
no Guia Época Negócios 360 :



Eurobike







A COPA DOS PROJETORES

O Brasil volta a receber uma edição da Copa do Mundo, mais de 60 anos depois do fatídico Maracanazo, numa época em que a televisão no País ainda estava surgindo, timidamente, em preto e branco. Agora, em 2014, o País do Futebol, como gostamos de ser chamados, recebe mais uma chance de ser campeão em casa no reformado Maracanã, na era da tecnologia instantânea e do conforto extremo, nos estádios, em casa, em todo lugar.

Por isso, no Brasil e no mundo, são vários os lançamentos das empresas do ramo de áudio e vídeo para

que o torcedor possa ver todas as imagens da sua seleção nos gramados dos estádios brasileiros. Afinal, é muito mais fácil comprar novos e melhores equipamentos do que conseguir ingressos para os jogos.

E a melhor tecnologia de imagem para acompanhar a Copa do Mundo no Brasil, ou outra qualquer programação é, sem dúvida, a dos projetores. Preparados para mostrar todos os detalhes, os projetores atuais têm a capacidade de se adaptar à iluminação de qualquer ambiente.



Um excelente exemplo disso são os três novos modelos lançados pela italiana SIM2, conhecida em todo o mundo pela extrema qualidade dos seus produtos. Todos os três novos modelos estão preparados para serem utilizados nos mais variados ambientes, mas cada um deles oferece características que o torna especialmente indicado para uma determinada situação. O modelo Sírio, por exemplo, com seu elevado nível de brilho, é ideal para ambientes de dimensões acima dos padrões normais ou para uso com uma tela colocada em um ambiente externo. O modelo Crystal Cube, por outro lado, é especialmente indicado para quem deseja os benefícios de uma alta tecnologia de projeção mas não deseja que isso possa conflitar com os cuidados que foram tomados na decoração de sua sala. Mais do que a de um projetor, a aparência do Crystal Cube é a de um objeto de arte que combina com qualquer tipo de decoração. E, finalmente, temos o Superlumis, o modelo perfeito para pessoas extremamente exigentes quanto à qualidade de imagem e cores que esperam de um projetor, para alcançar um nível de experiência que só tem paralelo nas melhores salas de cinema.

Para apresentar esses três novos produtos e dar a visão da SIM2 a respeito de cada um deles, o sócio e diretor de vendas internacionais da SIM2, Massimo Zecchin, esteve pessoalmente, no final de 2013, na Som Maior.

“O Crystal Cube é o único projetor que não parece um projetor”, afirmou Massimo. Para que isso fosse alcançado, ele explica que a SIM2 considerou a opinião de designers de interiores e arquitetos, que via de regra não gostam de

uma exposição mais explícita de tecnologia nas salas que projetam. “Por isso, nós desenvolvemos um produto que é como uma caixa mágica, feita de cristal de vidro, onde não há cabos visíveis, nem teclas, conectores aparentes, ou saídas de ventilação, ou seja, nada que lembre um projetor ou outra tecnologia”.

A ideia é que o produto possa ser camuflado como um sistema de luz, caso instalado no teto ou, se deixado em cima de uma mesa, pareça ser um objeto de decoração, mas nada que nos faça lembrar de um projetor. Com isso, o Crystal Cube se torna a perfeita solução para qualquer tipo de ambiente. “É como uma obra de arte, com design minimalista, famoso e popular nos últimos anos. E, ao apertar de uma tecla, você tem uma grande tela, uma grande imagem na sua sala de estar”, explica Massimo.

Surge então a pergunta: como foram capazes de esconder os cabos, por exemplo? “Após três anos de investimentos, conseguimos colocar tudo dentro de uma caixa fechada de cristal de vidro. O Crystal Cube nada mais é, então, do que uma caixa mágica. Como nós fomos capazes de fazer isso? Para saber a resposta, você tem que ver o produto de perto”, brinca.

Já o Superlumis é uma evolução da plataforma do Lumis, que segundo lembra Massimo já foi eleito o melhor projetor para home theater do mercado. “E não somos nós que afirmamos isso, mas jornalistas especializados, críticos, vendedores e revistas”, explica.

“Nós aperfeiçoamos esse projetor através do desenvolvimento de novas tecnologias para melhorar



Sirio

Crystal Cube

brilho e sua performance geral, e foi por isso que o chamamos de Superlumis. Levamos o desempenho do Superlumis ao extremo, utilizando também uma tecnologia que se tornará muito popular dentro de dois anos em outros produtos. Trata-se de uma nova lâmpada recentemente lançada pela Phillips que aumenta o nível de brilho da imagem e que ainda ninguém está usando até agora. Nós somos pioneiros na sua utilização”, explica Massimo.

Segundo ele, esse investimento foi feito porque muitos dos consumidores da SIM2 são grandes fãs de cinema. “Eles querem ter em suas casas exatamente as mesmas emoções que você pode experimentar nos melhores cinemas, simplesmente o melhor que a tecnologia pode fornecer. O Superlumis tem um preço condizente com toda essa qualidade, é claro, mas isso faz parte do nosso jeito de responder às necessidades dos nossos consumidores”, explica o diretor de vendas, pois a SIM2 não se prende a valores na hora de criar seus produtos. “O custo não é um limitador para nossos engenheiros, pois nós sempre pedimos o melhor que a tecnologia pode oferecer”. Por isso, Massimo é direto: “o Superlumis é simplesmente o melhor projetor que há no mercado”.

Quanto ao Sirio, ele é perfeito inclusive para ambientes abertos, seja ele um bar, restaurante, uma casa de praia cheia de janelas, ou para quem quer assistir aos jogos da Copa do Mundo fazendo um churrasco à beira da piscina, já que ele responde bem a todos os níveis de iluminação.

“Nós desenvolvemos um projetor que pode ser usado

inclusive com as luzes acesas, com as janelas abertas e também em cinemas, centros de convenções e todos os lugares onde é necessária uma tela grande”.

A luminosidade é sempre um alvo importante no desenvolvimento dos produtos da SIM2, contanto que a qualidade da imagem permaneça sempre a melhor possível. Usualmente, quanto maior a luminosidade, menor a qualidade da imagem em termos de cores, contraste e nível de preto. “Você pode comprar por U\$ 2 mil um projetor que tem bastante luminosidade, mas a qualidade da imagem é ruim, as cores não são precisas, o contraste é muito baixo, esse tipo de projetor pode ser usado com um computador na projeção de uma apresentação em Power Point, no escritório, mas certamente não para assistir a filmes ou um jogo de futebol”, enfatiza Zecchin.

“No caso do Sirio, isso fica muito evidente. Quando há claridade, independentemente do local, se uma pessoa quiser mostrar um jogo da Copa do Mundo para um público de 50, 100 pessoas ao lado de uma piscina ou em um bar ou restaurante, o Sirio é a resposta perfeita. Ele é direcionado, portanto, para lugares incomuns de instalação. Como ao lado da piscina ou churrasqueira, onde não se pode colocar uma TV, mas uma grande tela sim, enquanto que o projetor pode ficar instalado no interior do edifício. Para isso, o uso do Sirio é uma solução perfeita”, exemplifica.

Agora é só escolher onde e quando você irá querer ver os jogos da Copa do Mundo, porque os projetores da SIM2 vão garantir uma imagem com tal nível de qualidade que você terá a impressão de estar em pleno estádio.™

EURO AUDIO
HOME CINEMA
ENTRETENIMENTOS



Euroaudio. Para tecnologia virar emoção.



Cada pessoa é única, cada projeto também. Por isso, a equipe Euroaudio tem uma dedicação especial para respeitar os seus desejos e a sua personalidade. Tudo para atingir algo único quando se pensa em áudio e vídeo: the state-of-the-art. Mais do que vanguarda ou a alta tecnologia, estamos falando de um padrão inigualável e à frente de seu tempo. É para poucos. Sim, é para você. Converse com os especialistas da Euroaudio, você vai ver e ouvir a diferença.



Projeto de Home Theater
criado pela arquiteta
Clélia Regina Angelo

Arquitetura e design unidos para que o seu home theater seja perfeito

Saiba qual a importância de um projeto arquitetônico para que você consiga aproveitar todo o potencial dos seus equipamentos de áudio e vídeo.

Quando você investe num equipamento de áudio e vídeo high end espera que eles transformem a sua casa num verdadeiro ambiente especial para ouvir e ver o que há de melhor, nas melhores condições.

Mas para que isso aconteça, a decoração, design e arquitetura do ambiente devem respeitar e participar desse projeto. É imprescindível que todo o móvel converse para que você tenha um perfeito home theater ao seu alcance.

E para colocar essa ideia em prática, já existem no mercado profissionais especializados em pensar e dedicar as suas habilidades em tornar o sonho de um amante de áudio e vídeo em realidade, como a arquiteta Clélia Regina Angelo. Dona de um escritório de arquitetura e design em São Paulo, ela avisa que já realizou vários projetos de home theater e garante: em toda obra um projeto de home é indispensável.

“A importância do projeto se torna eficaz pelo fato de proporcionar um resultado final altamente satisfatório ao sistema, respeitando as distâncias entre a tela e o espectador, a disposição dos aparelhos na estante e escolhendo os materiais apropriados como cortinas, tapetes, sofás entre outros”, analisa a arquiteta Clélia.

A integração vai fazer com que tudo que foi pensado e criado pelo produtor musical, arranjador, diretor de som, e o próprio diretor de cinema chegue do jeito certo até o ouvinte/espectador.

“É muito importante lembrar que estamos lidando com as emoções que o diretor do filme ou o engenheiro do estúdio onde foi trabalhado o musical querem passar para o espectador. Isso só se consegue com bons aparelhos e com uma equipe com excelente conhecimento na área, que poderá trabalhar junto com o arquiteto ou designer do ambiente”, comenta Clélia.

O COMEÇO

O projeto, explica a arquiteta, deve começar com um briefing com o cliente, buscando quais são os seus desejos e expectativas. Depois é verificada a infraestrutura necessária para atendê-lo, e em seguida a distribuição dos aparelhos.

E apesar de ser mais fácil colocar em prática um projeto de home theater durante o projeto da casa, Clélia afirma que todo imóvel pode passar por essa transformação, contanto que sejam levados em consideração o tamanho de

cada cômodo e os materiais com os quais a sala é revestida, pois há interferência no resultado final.

“Sem dúvida que os materiais interferem, existem materiais adequados para uma boa integração, como piso de carpete, o uso da madeira, o uso dos tecidos”, explica.

O importante é que, independente da quantidade de equipamentos ou do cômodo, toda casa pode ter sim um projeto de home theater, Clélia garante.

“Fiz um projeto que a qualidade de som e imagem era muito importante para o cliente, e a quantidade de equipamentos era grande, mas o resultado final ficou conforme o esperado. Os aparelhos ficaram distribuídos de forma adequada e harmônica”.

Os benefícios vão além de ver o investimento em equipamentos de alta qualidade e custo serem bem aproveitados.

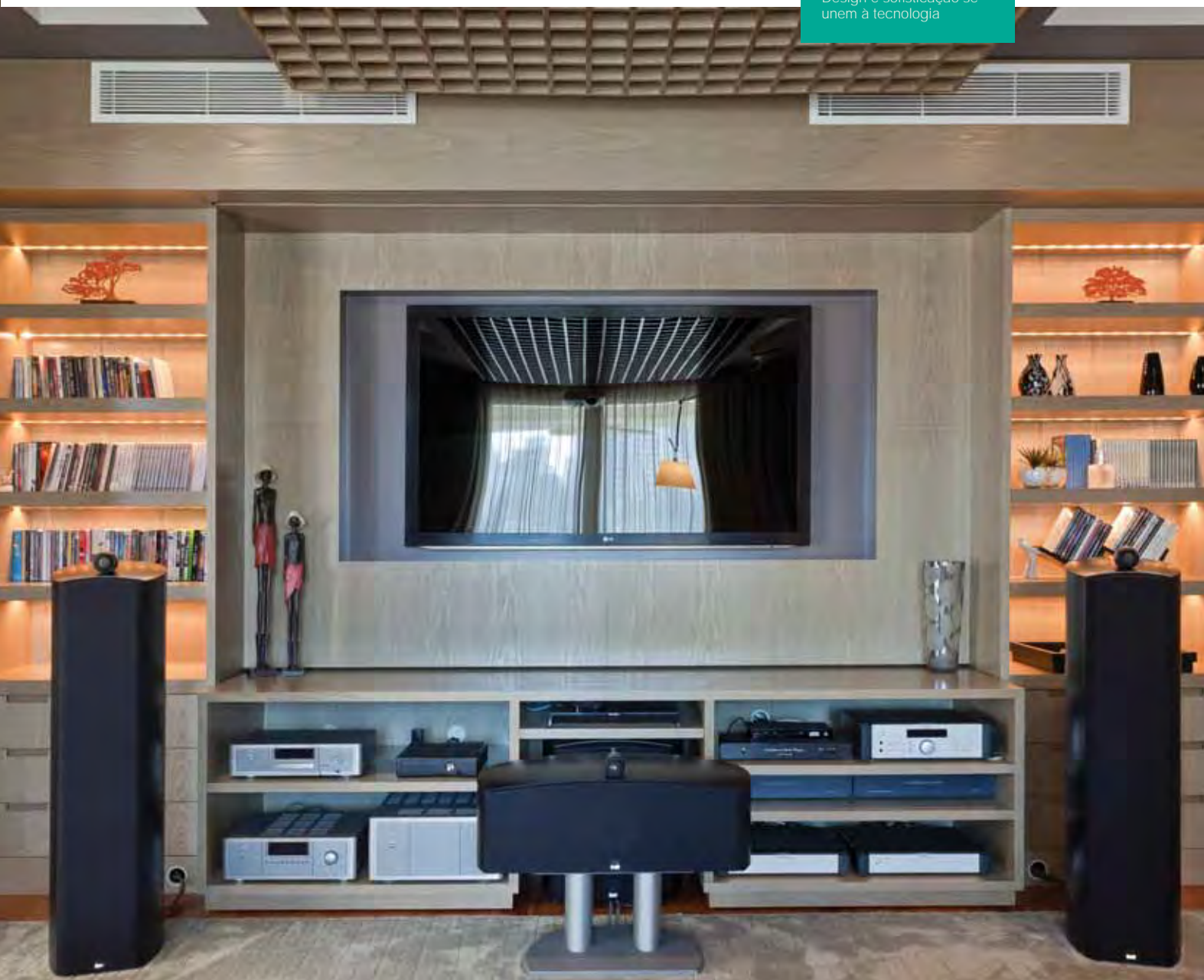
“Para o cliente, um projeto de home theater é tudo de bom, pois consegue harmonizar o projeto arquitetônico com os aparelhos escolhidos. Para quem vai executar a instalação, a facilidade de trabalhar com o projeto onde



Clélia Regina Angelo,
arquiteta especialista em
projetos de home theater

tudo estará no seu devido lugar permitindo um bom funcionamento e aproveitamento total do sistema escolhido pelo cliente é muito importante”.

Design e sofisticação se unem à tecnologia



Dance!

Mais uma atração – Brown’s Dixieland Jass Band’, diretamente de New Orleans – a melhor música de dança de Chicago... O cartaz fixado no Lamb’s Café, ano de 1915, convidava o mundo para beber de uma dança envolvente, que sabe colorir ou apunhalar o coração como ninguém. Achei engraçada a expressão “música de dança”, trazida no livro “As Grandes Orquestras de Jazz”, de George T. Simon. Então, fiquei pensando: “O que faz o coração das pessoas vibrar?” ou melhor “O que faz o corpo se agitar, a alma dançar?”. É todo mundo sempre tão sério, dentro de seus ternos e vestidos apertados, cabelos penteados, suor controlado pelo ar, que realmente parece incrível o que a música consegue fazer. Ela rouba-nos do tempo para reencontrar a infância, sem vergonha.

Acho que todo mundo gosta de dançar, mesmo que negue. Quando se recebe aquela notícia boa, então, ou quando o dia está interessante, você chega na frente do cachorro e dá aqueles passinhos nonsense, enquanto o coitado tenta entender o surto. E aí vêm as infinitudes de estilos e os públicos seduzidos por eles como luvas, atendendo a todos os tipos de carências e loucuras, a todos os estados de espírito.

Com a idade, muda. Eu, por exemplo, na formatura da pré-escola, ali pelos 6 anos, acabei caindo na turminha que ia dançar mambo – e não jazz, que eu achava mais “fino”, talvez por causa do collant cor de rosa, da meia calça e do cabelo liso com laquê (sim, laquê!). O mambo já era mais displicente, blusa tomara-que-caia, cabelos soltos, multicolorido. Na época, minha mãe adorou a ideia e, até hoje, eu olho para a foto e vejo a face da decepção. Sei lá, pra mim, naquele momento, o mambo parecia latino de mais. Hoje, eu acharia bem mais divertido.

Falando em jazz, mas agora voltando aos instrumentos, tivemos um encontro especial, eu e ele, em 2005. Aquela aula de redação jornalística foi no escuro. Cada aluno recebeu um punhado de alguma coisa em suas mãos e, sem entender nada, um som tempestuoso começou a surgir – e eles foram longe. “A canção Amen, da “Preservation Hall Jazz Band” ganhou gosto de sálvia, ervas de Provence, curry, páprica doce, açafraão, tomilho, pimentas e orégano. O professor apresentava a culinária créole/ cajun e nos fazia viver um pouco de New Orleans, em tempos próximos ao

de Katrina. Poucos minutos capazes de traduzir a alma daquele povo – historicamente penetrável de mais.

Já a descoberta do folk demorou e quase passou longe. Aos 13 anos, minhas primas me levaram para conhecer um bar country. Isso era 1996, e eu achei o cúmulo ter aquela experiência como um das primeiras noturnas. Pessoas de couro e chapéu, num lugar brega. Hoje, eu daria tudo para encarar um bar daquele naipe – só que com muita gaita, melancolia e sem o couro. O folk me fascina, assim como o rock and roll e o reggae de raiz. O reggae, sim, esse lidera o descontrole dos joelhos. Com berço no ska, faz parecer que o chão está em chamas, deliciosas, e que aos pés é proibido parar. A dança vem de dentro.



E você, o que prefere? A repetição da música eletrônica ou cair nos braços de uma polca? A explosão do tango ou a cadência do blues? O frenesi da música erudita ou um pouco de rock and roll? Mpb, rap, punk... Ou você faz parte dos bons sujeitos, que não dispensam um samba? Perdoem, mas não vou citar todas as possibilidades. O que importa é que em algum lugar do planeta alguém fez (ou está fazendo) um som perfeito pra você. O som que você precisa, corpo e alma – permitindo uma brecha, em meio a uma rotina programada demais e à enxurrada de pensamentos insistentes e pouco originais que nos visitam a cada dia.

(Re)descubra o que te faz balançar, liberar energia, expressar sensações, mesmo que seja andando de carro, só com a cabeça. Ouça música, compartilhe música, faça música. Se dê a honra de uma dança todos os dias...

Fernanda Lange nasceu e mora em Joinville/SC, onde atua como jornalista freelancer, com cursos ligados à área de cinema, literatura e ciências sociais no currículo. Trabalhou um bom tempo com crianças e na assessoria de imprensa de festivais de música e dança, mas gosta mesmo é de escrever para revistas. Vegetariana, estuda flauta transversa e luta pelo respeito aos direitos animais. É pisciana e completa 31 anos em 2014. Há 10, namora com outro pisciano, o músico e designer Ivan Almeida. Vive na companhia de dois cachorros adoráveis: Balan e Truman (Capote).✉



Viva hoje mesmo uma experiência **ÁRIA**.

Você merece vivenciar o inusitado, com os projetos da Ária você experimenta uma sensação única de entretenimento e bem-estar, usufruindo o que há de melhor em áudio, vídeo e automação.

Faz mais de treze anos que a Ária é especialista em elaborar e executar projetos que proporcionam uma experiência única, dando a você a sensação de estar em um cinema no conforto da sua própria casa.



ATENDIMENTO COM HORA MARCADA

ANUNCIANTES:
ARIA

R. Padre Chagas, 147 Conj.801
Porto Alegre/RS - Tel: (51) 3222-0043
ariaht@ariaht.com.br

AM SOLUTIONS (by Arnaldo Meniuk)
Rua Uruguaiana, 10 - sala 1.909 - Centro
Rio de Janeiro-RJ - Tel: (21) 2507-5885
www.amsolutions.arq.br/ventas
arnaldomeniuk@gmail.com

CINEMA SHOW

Av. Angelo Bolson, 467 - Medianeira
Santa Maria/RS - Tel: (55) 3028-0110
atendimento@desconzi.com.br

EURO AUDIO

R. Dr. Carlos de Carvalho, 695 - Batel
Curitiba/PR - Tel: (41) 3333-1003
euroaudio@euroaudio.com.br

EURO BIKE

Av. dos Bandeirantes, 1729 -
Vila Olímpia
São Paulo/SP - Tel: (11) 3627-3082
eurobike@eurobike.com.br

LIVEMAX

Al. Dr. Carlos de Carvalho, 1441 - Batel
Curitiba/PR - Tel: (41) 3322-5050
vendas@livemax.com.br

LUCIANO JULIÃO

R. Levotti Grotera, 98 - Morumbi
São Paulo/SP - Tel: (11) 3758-0797
gabriela@juliao.com.br

MARCENARIA DIDJURGEIT

R. das Missões, 30 - Ponta Aguda
Blumenau/SC - Tel: (47) 3041-0695
didjurgeit.ltda@terra.com.br

MIAMI HOME

Av. T-63, 933 - Setor Bueno
Goiânia/GO - Tel: (62) 3255-9474
miamivideo@brturbo.com.br

SCHAEFER YACHTS

Rod. BR 282, Km 18, 18.500 - Aririú
Palhoça/SC - Tel: (48) 2106-0001
hemerson.diniz@schaeferyachts.com.br

SOLUÇÃO TÉCNICA

R. Major Gama, 950 - Centro
Cuiabá/MT - Tel: (65) 3624-0422
comercial@solucaotecnica.com.br

TAROI BRAVISSIMA

R. 2.870, 100 Sala 1 - Centro
Baln. Camboriú/SC - Tel: (47) 3361-0110
helena@taroi.com.br

VERSÃO BRASILEIRA

R. Santa Maria do Itabira, 58 - Sion
Belo Horizonte/MG -
Tel: (31) 3227-5090
recepcao_vb@versaobrasileira.com.br

XTRON

R. Normandia, 66 - Moema
São Paulo/SP - Tel: (11) 3848-9388
marcos@xtron.com.br

REVENDAS:
ALAGOAS

HOME DIGITAL
Av. Fernandes Lima, 1513 S. 307 - Farol
Maceió/AL - Tel: (82) 3311-9838
comercial@homedigital.com.br

BAHIA

HI-FI
R. Pernambuco, 2269
Ed.M.Plaza L.1B - Pituba
Salvador/BA - Tel: (71) 3346-3489
hifi@hifiht.com.br

HOME SOM

R. Anísio Teixeira, 161 Shopping
Boulevard, Loja 15-16 - Itaigara
Salvador/BA - Tel: (71) 3347-1988
homesom@homesom.com.br

CEARÁ

HOME SOUND
Av. Washington Soares, 909 Lj 96 B Salinas
Edson Queiroz
Fortaleza/CE - Tel: (85) 3241-0104
lojahomesound@gmail.com

DISTRITO FEDERAL

ARQUITECTAR TECNOLOGIA
End: SHIS QI 11 Bloco O Loja 23,
Shopping Deck Brasil
Lago Sul - Brasília - Tel: (61) 3248 0107
administrativo@alemdaluz.com.br

PROTEC

SGCV Sul Lote 22 Loja 228 2º piso Casa
Park Shopping
Brasília/DF - Tel: (61) 3234-0392
protec@protecaudiovideo.com.br

ESPÍRITO SANTO

INTERCINE HOME
R. Elias Tommasi Sobrinho, 274 Loja 6
Shopping Vitória Decor
Vitória/ES - Tel: (27) 3324-9361
intercinehome@intercinehome.com.br

LINHARES AUDIO E VIDEO

AUTOMAÇÃO
Av. Comendador Rafael, 1535 loja 02
Linhars/ES - Centro - (27) 3151-1010
compras@intercinehome.com.br

GOIÁS

MIAMI HOME
Av. T-63, 933 - Setor Bueno
Goiânia/GO - Tel: (62) 3255-9474
miamivideo@brturbo.com.br

MATO GROSSO

SOLUÇÃO TÉCNICA
Rua Major Gama, 950 - Centro Sul
Cuiabá/MT - Tel: (65) 3624-0422
atendimento@solucaotecnica.com.br

MATO GROSSO DO SUL

UNIQUE HT
Rua da Sequoia, 340 - Jardim Flamboyant
Campo Grande/MS - Tel: (67) 9277-4999
tunay@uniqueht.com.br

MINAS GERAIS

HIFI CLUB
Pe. José Menezes, 11 - Luxemburgo
Belo Horizonte/MG - Tel: (31) 2555-1223
carlos@hificlub.com.br

VERSÃO BRASILEIRA

R. Santa Maria do Itabira, 58 - Sion
Belo Horizonte/MG - Tel: (31) 3227-5090
recepcao_vb@versaobrasileira.com.br

PARÁIBA

HI FI HOME THEATER
Av. Maranhão, 500 - Dos Estados
João Pessoa/PB - Tel: (83) 3214-7706
hifi@hifihometheater.com.br

PARANÁ

EURO AUDIO
R. Dr. Carlos de Carvalho, 695 - Batel
Curitiba/PR - Tel: (41) 3333-1003
euroaudio@euroaudio.com.br

LIVEMAX

Al. Dr. Carlos de Carvalho, 1441 - Batel
Curitiba/PR - Tel: (41) 3322-5050
vendas@livemax.com.br

RIO DE JANEIRO

AM SOLUTIONS (by Arnaldo Meniuk)
R. Uruguaiana, 10 Sala 1909 - Centro
Rio de Janeiro/RJ - Tel: (21) 2507-5885
vendas.arnaldomeniuk@gmail.com

AUDIO EXCELLENCE

Estr. da Barra da Tijuca, 1636 - Bloco E
Loja D
Rio de Janeiro/RJ - Tel: (21) 2429-9010
vendas@audioexcellence.com.br

RIO GRANDE DO NORTE

HW AUTOMAÇÃO & HOMETHEATER
Rua Janduis 1717 Loja 02
Lagoa Nova - Natal - Tel: (84) 3302.7393
allyson@hwautomacao.com.br

RIO GRANDE DO SUL

ARIA
R. Padre Chagas, 147 Conj.801
Porto Alegre/RS - Tel: (51) 3222-0043
ariaht@ariaht.com.br

CINEMA SHOW

Av. Angelo Bolson, 467 - Medianeira
Santa Maria/RS - Tel: (55) 3028-0110
atendimento@desconzi.com.br

G3 FANTONI ÁUDIO E VÍDEO

R. dos Andradas, 132 - Vila Rosa
Novo Hamburgo/RS -
Tel: (51) 3035-3785
contato@g3fantoni.com.br

SMARTBUILD

R. Alvares Machado, 10 - Petrópolis
Porto Alegre/RS - Tel: (51) 3333-1712
atendimento@plasmacenter.com.br

RONDÔNIA

HIGH TECH
Av. Carlos Gomes, 2581 - São Cristóvão
Porto Velho/RO - Tel: (69) 3224-7000
vendas@htav.com.br

SANTA CATARINA

SCHIEL
R. Frei Rogério, 95 - Centro
Porto União/SC - Tel: (42) 3522-3186
loja@schiel.com.br

SOM MAIOR

R. João Pessoa, 1381 - América
Joinville/SC - Tel: (47) 3472-2666
sommaior@sommaior.com.br

SÃO PAULO

AUTOMUNDI
Av. Professor João Fiusa, 1136 -
Alto da Boa Vista
Ribeirão Preto/SP - Tel: (16) 3632-6064
l.pompei@Automundi.com.br

CINE CLARO

Av. Dr. Heitor Penteado, 904
Jardim Nossa Senhora Auxiliadora
Campinas/SP - Tel: (19) 3255-1766
jantonioclaro@terra.com.br

CINEMA 1

R. Gustavo Maciel, 24-53 Pça. Portugal
Bauru/SP - Tel: (14) 3227-1010
claudia@cinema1.com.br

DAG BRASIL

R. João Cachoeira, 1731 - Itaim
São Paulo/SP - Tel: (11) 3044-4552
sac@dagbrasil.com.br

DUARTE'S

R. Desembargador Aguiar Valim, 206
São Paulo/SP - Tel: (11) 3845-1995
raulduarte@raulduarte.com.br

F&M

Av. República, 702 - Centro
Marília/SP - Tel: (14) 3454-2274
fm@fmaudiovideo.com.br

HI STORE

Rua Padre Almeida, 450 - Cambuí
Campinas/SP - Tel: (19) 2121-2323
hi-store@hi-store.com.br

HOME SYSTEMS

R. Generosa Bastos, 3485 Loja 1 -
Renditora
São José do Rio Preto/SP
Tel: (17) 3235-2015
contato@projetoautoma.com.br

IMAGIC

Dr. Thirso Martins, 100 Cj. 101 -
Vila Mariana
São Paulo/SP - Tel: (11) 5081-8888
contato@imagicmultimedia.com.br

IMPORTS BR

R. Prof. Pedreira de Freitas, 937 - Tatuapé
São Paulo/SP - Tel: (11) 3854-8188
vendas@importsbr.com.br

INTEGRA

Av. São Gabriel, 149 Cj.703/4/5 - Itaim
São Paulo/SP - Tel: (11) 3078-3378
douglas@integramidia.com.br

LUCIANO JULIÃO

R. Levotti Grotera, 98 - Morumbi
São Paulo/SP - Tel: (11) 3758-0797
gabriela@juliao.com.br

NEXTT HOUSE

R. Inhambu, 1293 - Moema
São Paulo/SP - Tel: (11) 2385 - 9907
contato@nextthouse.com.br

OGURI

R. Pe. Carvalho, 771 Pinheiros
São Paulo/SP - Tel: (11) 3037-7120
alexandro@oguri.com.br

SAX HI FI

Pç. Nove de Julho, 23 Casa 1 - Centro
Sorocaba/SP - Tel: (15) 3221-5896
contato@saxhifi.com.br

XTRON

R. Normandia, 66 - Moema
São Paulo/SP - Tel: (11) 3848-9388
marcos@xtron.com.br

SERGEIPE

IHOME/MEMPHIS
R. Duque de Caxias, 264 - São José
Aracaju/SE - Tel: (79) 3231-4609
comercial@ihomeaudio.com.br

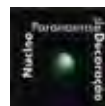
DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO:
SOM MAIOR

R. João Pessoa, 1381 - América
Joinville/SC - Tel: (47) 3472-2666
sommaior@sommaior.com.br



livemax
Automação e Cinema Residencial

Revenda Diamante em Curitiba





Você merece assistir à Copa do Mundo em uma dimensão muito maior e com muito mais qualidade, realismo e emoção.

Tela 120"



zquattro.net

Crystal Cube

O Crystal Cube, da SIM2, é a combinação perfeita entre uma avançada tecnologia de imagem e um design que é uma verdadeira obra de arte, integrando-se perfeitamente com os mais variados ambientes.

Nero

Com uma precisão na reprodução das cores e nível de contraste e brilho comparáveis aos dos melhores e mais caros projetores, o Nero oferece uma imagem verdadeiramente realista e rica em detalhes. É como estar lá.



TV 60"

A Som Maior oferece os projetores da italiana SIM2, equipamentos de altíssima qualidade e desempenho, inclusive em 3D, proporcionando imagens muito mais realistas e impactantes do que as de qualquer televisão, levando os jogos da Copa do Mundo, filmes e espetáculos musicais para uma tela de 120", com área nada menos do que quatro vezes o tamanho de uma TV de 60".

som maior
AUDIO VIDEO HIGH END

47 3472 2666 - www.sommaior.com.br